



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA

ANDREIA DO SOCORRO ABREU SILVA

AS “MÃES MARIAS” E A ARTE DE PARTEJAR EM SANTA LUZIA DO PARÁ

BAIÃO-PARÁ
2017



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA

ANDREIA DO SOCORRO ABREU SILVA

AS “MÃES MARIAS” E A ARTE DE PARTEJAR EM SANTA LUZIA DO PARÁ

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de História - FACTHO /UFPA - do
Campus Universitário do Tocantins-Cametá como um dos
pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena
em História, sob a orientação da Profª. Drª. Benedita Celeste
de Moraes Pinto

BAIÃO-PARÁ

2017

ANDREIA DO SOCORRO ABREU SILVA

AS “MÃES MARIAS” E A ARTE DE PARTEJAR EM SANTA LUZIA DO PARÁ

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

Prof^a. MSc. Bárbara de Nazaré Pantoja Ribeiro
Membro da Banca

Prof^a. MSc. Maria de Fátima Rodrigues Nunes
Membro da Banca

BAIÃO-PARÁ

2017

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que pariram para o mundo, em especial as duas grandes mães responsáveis pela minha vida, Maria Elza de Abreu Silva, minha mãe, e a saudosa parteira Gercina Ventura da Silva (In memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela finalização do meu curso acadêmico. Onde tive a honra nesses quatro anos de estudos no curso de Licenciatura Plena em História, receber apoio de familiares, amigos, professores e colegas da turma.

Agradeço em especial a minha mãe Maria Elza, pessoa que sempre me deu força, e sempre rezou por mim, para que eu persistisse e enfrentasse a distância familiar, as dificuldades, e tudo que me abalasse durante essa trajetória Universitária.

Agradeço todas as pessoas que participaram ativamente dessa minha pesquisa, principalmente as parteiras que são as principais sujeitas deste estudo, as quais dedicaram algumas horas do seu tempo pra compartilhar um pouco da sua vida, colaborando na construção do presente trabalho. Agradeço as demais pessoas entrevistadas durante a pesquisa que originou este trabalho, que contribuíram com suas riquíssimas informações. A todos a minha gratidão.

Agradeço os (as) funcionários (as) da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Santa Luzia do Pará, pela concessão dos dados informativos que tanto contribuiu para esse trabalho.

Agradeço a minha querida professora e orientadora Benedita Celeste de Moraes Pinto, pela orientação desse trabalho. Obrigada por tudo, além de uma excelente profissional, és uma grande amiga, pois com seu jeito sereno consegues cativar o carinho de seus “filhos”. Todas as suas dicas foram importantíssimas na construção da pesquisa e na construção deste estudo. A você professora minha eterna obrigada!

Agradeço aos amigos que a Universidade me apresentou, pois através do curso conheci pessoas maravilhosas em que tive a honra de compartilhar momentos inesquecíveis de alegrias e tristezas. Primeiramente destaco a nossa equipe de trabalho composta por: Diego Lago, Igor Brito, Girelene Silva, Kellby Pereira, Thamires Braga e especialmente Margareth Gonçalves que foi mais que uma companheira de turma, de trabalhos e de hotel, e sim uma amigona que Deus me apresentou. Destaco também pessoas que ao longo do curso se tornaram especiais pra mim como: Marinalva Ferreira, Feliciana Oliveira, Helle Melo, Ivanede Farias, Darlene Antunes, Isaías Filho, Leonam Afonso, Jefferson Pimentel. Enfim à esses citados desejo que nossa amizade não afundi no mar do esquecimento.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo registrar e analisar histórias de vidas de parteiras da cidade de Santa Luzia do Pará, verificando a representatividade e importância dessas mulheres no cotidiano dos Luzienses, na perspectiva de compreender qual o significado da presença delas na vida das mulheres deste lugar. Da mesma forma, analisar como ocorrem os saberes e as práticas das mulheres parteiras frente às mudanças tecnológicas que se impõe sobre as técnicas tradicionais de partejar, refletindo a respeito do embate entre medicina oficial e medicina tradicional. Assim como, verificar qual a importância dessas profissionais na vida das mulheres Luzienses, e que vínculos as envolvem até os dias de hoje, buscando compreender porque a nova geração já não se interessa tanto pela profissão de parteira tradicional. Metodologicamente se buscou auxílio teórico nos estudos de autores como: THOMPSON (1992), PINTO (2010), BARROSO (2009, 2001), AIRES (2004), além de outros cujas análises foram de suma importância para constituição deste estudo. Assim como, se realizou pesquisa de campo, mediante observação, conversas informais e entrevistas com parteiras e mulheres que tiveram seus filhos com ajuda de parteiras, e que de alguma forma contribuísse com informações acerca dessas profissionais. Acrescidas as fontes orais foram utilizados documentos escritas (ficha de recém-nascidos em partos normais, certificado do curso de parteira) e imagéticas que foram feitas no decorrer da pesquisa e as encontradas nos acervos das pessoas entrevistada. Dados da pesquisa apontaram que mesmo com os avanços da medicina científica a cerca do parto, disponibilizando a cesárea como um método rápido e prático para o nascimento de uma criança, comprova-se que por meio dessa pesquisa ainda existe mulheres que optam ter seus filhos sob o comando das parteiras.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias, Parteiras Tradicionais; Saberes; Medicina Formal e Tradicional

SUMÁRIO

CONSIDERAÇOES INICIAIS	8
CAPITULO I	14
 UMA REFLEXÃO SOBRE AS PARTEIRAS, SUAS PRÁTICAS E DESAFIOS DIANTE DA SOCIEDADE LUZIENSE	14
1.1 A Arte de Partejar: Luz para as Mulheres e Reconhecimento para as Parteiras	16
1.2 As práticas tradicionais de Partejar sendo substituidas pela ciência	21
1.3 “Mães Marias”: as parteiras tradicionais de Santa Luzia do Pará	22
 CAPITULO II.....	26
 GRATIDÃO SEM FIM: HISTÓRIAS DAS PARTEIRAS E PARTURIENTES LUZIENSES UNIDAS EM PROL DA VIDA.....	26
2.1- Gravidez: um percurso acompanhado também por parteiras.....	27
2.2- Parterjando com as Mães Marias: dom de Deus e Caridade com o próximo.....	30
2.3 - Parto normal: uma diferenciação entre o realizado pelas mãos da parteira e o que é realizado por uma equipe médica.....	37
2.4- As práticas das parteiras Luzienses diante as técnicas científicas	42
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
 FONTES DA PESQUISA	555
 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	577
 ANEXOS	Erro! Indicador não definido.

CONSIDERAÇOES INICIAIS

A cidade de Santa Luzia do Pará¹ foi o lócus de pesquisa desse trabalho, onde se fazem presentes as “Mães Maria²”, mulheres parteiras³ que se ocupam da função de ajudar nascer de forma natural. E que mesmo em meio às mudanças sociais e tecnológicas essas parteiras ainda são procuradas por pessoas que confiam nos seus saberes.

O presente estudo tem como objetivo registrar e analisar histórias de vidas de parteiras da cidade de Santa Luzia do Pará, verificando a representatividade e importância dessas mulheres no cotidiano dos Luzienses, na perspectiva de compreender qual o significado da presença delas na vida das mulheres deste lugar. Da mesma forma, busca analisar como ocorrem os saberes e as práticas das mulheres parteiras frente às mudanças tecnológicas que se impõe sobre as técnicas tradicionais de partejar, refletindo a respeito do embate entre medicina científica e medicina tradicional. Assim também procura verificar qual a importância dessas profissionais na vida das mulheres Luzienses, e que vínculos as envolvem até os dias de hoje, evidenciando o porquê das novas gerações já não se interessarem tanto pela profissão de parteira tradicional.

Observei que muitas foram às crianças luzienses, nascida com ajuda das “Mães Marias”, ou seja, através do tradicional parto natural, sem nenhuma intervenção científica da medicina oficial. Neste sentido, este trabalho busca evidenciar as experiências, o cotidiano, desafios e dificuldades encontradas por tais mulheres no decorrer do desenvolvimento de suas práticas. Da mesma forma, fazer um levantamento, através das análises dos autores que se ocuparam do tema e da oralidade,

¹ Sede do município Santa Luzia do Pará, que localiza-se na microrregião do Guamá e na mesorregião do Nordeste Paraense, está às margens da BR-316, a 169 km de Belém. O referido município foi criado em dezembro de 1991, com território desmembrado de Ourém, Bragança e Viseu, sendo instalado no dia 1 de janeiro de 1993. Sua área é de 1.350,77 km², com uma população estimada de 19 348 habitantes (https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Luzia_do_Par%C3%A1).

² Utiliza-se esta expressão devido as mulheres que se ocupam da função de partejar na cidade de Santa Luzia do Pará serem reconhecida pela maioria da sua clientela por “mãe”, e quatro parteiras que participaram como entrevistadas neste estudo possuem o nome “Maria”, como por exemplo: Maria Cantuária Monteiro, Maria de Lurdes Soares Pereira, Maria Lima Abreu, Maria de Souza Bezerra. Assim, menciona-se que das entrevistadas houve apenas uma exceção no nome da parteira Raimunda Araújo Pereira Silva.

³ Diz-se de mulher que não é médica, mas exerce a prática de parto natural de forma tradicional, assiste, auxilia as parturientes e ajudam a nascer as pessoas.

mediante entrevistas e observação das experiências cotidianas das parteiras, do embate que se trava entre a medicina tradicional e medicina oficial.

O interesse por este tema aconteceu a partir do momento em que assisti uma apresentação de trabalho de aula realizado pela turma de História 2013, da Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário do Tocantins-Polo de Baião, que através de pesquisa de campo realizou um documentário que mostrava histórias de vida de parteiras da vila do Umarizal, interior da cidade de Baião, no Pará, relatando as experiências cotidianas, dons e saberes destas mulheres.

Este documentário me despertou inquietações e interesse para realizar uma pesquisa a cerca dessas profissionais em Santa Luzia do Pará, onde resido, onde há décadas atrás a prática do parto natural com ajuda de parteiras tradicionais foi muito utilizada, não só por questões culturais, mas devido a carência de atendimento hospitalar especializado, pela dificuldade de locomoção para cidades mais próximas, onde havia hospitais que atendesse as mulheres grávidas no momento do parto, e a falta de condições financeiras das famílias que as impossibilitavam de procurar ajuda nos hospitais.

As parteiras prestavam o atendimento necessário e não cobravam nada pelo seu trabalho, devido à necessidade financeiramente das famílias. Por outro lado, as mulheres que iam dar à luz também optavam pelos trabalhos das parteiras tradicionais devido a inteira confiança que depositavam nelas. O fato de pertencerem ao mesmo sexo, já gerava confiança e carinho por aquela que quase sempre estava presente desde o início da gestação, doando todo seu tempo e dedicação, até o momento do parto. E freqüentemente muitas parteiras acompanhavam e ainda acompanha as mães durante os dias que sucedem o nascimento da criança, apoiando afetivamente no que for preciso, tanto a parturiente, quanto a criança. Motivos pelos quais as mulheres grávidas preferiam se preparar, ou se tratar, durante toda a gestação e na hora do parto com as “mães Marias.”

No Brasil, anualmente, inúmeros são os partos domiciliares, desses a maioria são assistidos por parteiras tradicionais, que se fazem presentes em todas as regiões do país, mas com uma tendência muito maior na região norte e nordeste do Brasil onde essa tradição é mais forte, segundo a revista de enfermagem abordam: As parteiras são responsáveis por 450 mil partos todos os anos, trazendo ao mundo 18% das crianças nascidas no Brasil. São 45 mil mulheres só nas regiões Norte e Nordeste. (NASCIMENTO, SANTOS, ERDMAN, JUNIOR, CARVALHO, 2009).

Isso me leva a entender que ao abordar questões referentes a história e memória das parteiras de Santa Luzia do Pará, não posso deixar de falar a respeito dos desafios, que essas profissionais já enfrentaram, e ainda enfrentam, como críticas preconceitos, rejeições advindas principalmente da medicina oficial.

Neste sentido, algumas autoras como, Iraci de Carvalho Barroso, no texto “*Os Saberes de Parteiras Tradicionais e o Ofício de Partear em Domicílio nas Áreas Rurais*” (2009), enfatiza que o aprimoramento da medicina científica exige que o trabalho da obstetrícia que antes pertencia à parteira, passe para as mãos de médicos, pois somente eles estariam aptos a exercer essas práticas. Isto resulta no fato em que o parto natural se transforme em ato médico, favorecendo a medicalização e os “abusos excessivos” do uso de novas tecnologias (BARROSO, 2009, p. 05).

Autora Benedita Celeste de Moraes Pinto, na obra “*Filhas das Matas Práticas e Saberes de Mulheres Quilombolas na Amazônia Tocantina*” (2010), afirma que a medicina acredita que não precisa de meios simbólicos para intermediar o real, pois ela se crê portadora de meios técnicos para dominá-lo. Ela se convence de que, por meio do positivismo, obteve o controle sobre a doença e a morte, quando na realidade, somente perdeu o domínio sobre o universo simbólico (PINTO, 2010, p. 164).

Sendo assim, as análises destas autoras nos ajudam a compreender o processo desse embate e porque ainda nos dias de hoje, os confrontos entre parteiras e médicos ainda são pertinentes. Levando em consideração os aspectos analisados, entendemos que as leituras e observações dessas autoras são de grande importância para auxiliar na discussão do tema proposto.

É importante mencionar, portanto, que para construção deste estudo foi realizada através de pesquisa de campo, mediante observação, conversas informais e entrevistas para ouvir as parteiras, além de auxiliares técnicos que trabalham com partos normais em postos de saúde, assim como, mulheres que tiveram experiência do parto normal pelas mãos das parteiras e em outras gestações realizaram cesarianas, e que de alguma forma contribuíram com informações acerca das parteiras tradicionais de Santa Luzia do Pará. Nesta empreitada se buscou auxílio nas obras de autores, como: THOMPSON (1992) que me ajudaram entender questões referentes a história oral, oralidade e memória. Assim como os que se ocupam da temática em questão, estudando as histórias de vida, práticas e saberes de mulheres parteiras na Amazônia, dentre os quais se

destaca PINTO, (2010), BARROSO (2001, 2009), AIRES (2004), além de outros cujas análises foram de suma importância para construção deste estudo. Acrescidas as fontes orais foram utilizados documentos escritas (ficha de recém-nascidos em partos normais, certificado do curso de preparação de parteiras, que o governo disponibilizou para essas profissionais) e imagéticas que foram feitas no decorrer da pesquisa e as encontradas nos acervos das pessoas entrevistada.

Assim como, as imagens fotográficas utilizadas, através das quais foi possível avaliar o lugar dessas imagens, capazes nos levar a entender diferentes métodos, e cuidados com estudo e análises dessas fontes. Segundo Mauad, as análises deste tipo de fonte permitiram compreender o recorte espacial processado pela fotografia, assim como, a observação no espaço geográfico que compreende o espaço físico representado na fotografia, e na análise do espaço do objeto, do espaço da figuração e do espaço da vivencia (MAUAD, 1996).

Contudo, não se pode perder de vista que o trabalho envolve história e memórias, e por isso exige certos cuidados, pois as entrevistas foram feitas com diferentes pessoas, e cada uma corresponde a um modo de interpretação, já estas falas possibilitaram conhecer histórias, lutas e resistência das “mães Marias” de Santa Luzia do Pará, que foram de suma importância para constituição deste trabalho.

No decorrer da pesquisa foram entrevistadas cinco parteiras do município de Santa Luzia do Pará, na faixa etária de 50 a 88 anos de idade, sendo que umas também acumulam a função de benzedeiras. As “mães Marias, são mulheres guerreiras, trabalhadoras das mais diferentes realidades existentes no município de Santa Luzia do Pará. Possuem credo e religiões diversificadas, sendo mais comumente católicas e evangélicas três são casadas e duas viúva. Umas não tiveram acesso à educação formal e outras são alfabetizadas.

As parteiras entrevistadas durante as atividades da pesquisa que deu origem ao presente estudo foram às parteiras *Maria de Lurdes Soares Pereira*, 50 anos, casada, domestica, professa a religião católica e atua como parteira tradicional, não tem nenhuma formação na área da saúde, suas atividades geralmente acontecem em seu próprio lar. Conta que tinha 12 anos quando fez o primeiro parto sozinho, acredita que foi Deus que lhe deu esse dom, e que já perdeu a conta de quantas crianças ajudou a nascer.

A Parteira *Maria de Souza Bezerra*, 62 anos, é casada, congrega na igreja Evangélica Assembleia de Deus, trabalha como técnica de enfermagem há mais de 20

anos. Atua como técnica de enfermagem no posto Médico e também no Hospital Municipal do município de Santa Luzia do Pará (queira ver figura 2), que foi inaugurado recentemente, e também no domicílio das mulheres em trabalho de parto. Conta que tinha 21 anos quando fez o primeiro parto.

Outra parteira que iniciou a prática de partejar muito cedo foi *Maria Lima Abreu*, 87 anos, com a “memória embasada pelo tempo”, como diz, conta que já não lembra mais com quantos anos começou a fazer parto, mas lembra que ainda era muito nova. Exerceu a função de parteira até aos 70 anos de idade, foi impossibilitada de partejar por motivo de doenças. É viúva, aposentada, afirma que é “[...] muito satisfeita da vida por ter ajudado inúmeras mulheres a dar a luz”.

A parteira *Maria Cantuária Monteiro*, 88 anos, afirma que atuou como parteira tradicional, por mais de 60 anos, não teve nenhuma formação na área da saúde. E que só se afastou das suas atividades devido problemas de vista, impossibilitando sua prática. Conta que tinha 14 anos de idade quando fez o primeiro parto, a partir daí mais de 300 crianças nasceram com ajuda de suas mãos.

A parteira *Raimunda Araújo Pereira Silva*, 87 anos, é casada, congrega na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, diz que tinha vinte anos quando fez o primeiro parto, exerceu a função de parteira por mais de 60 anos, e que há três anos suspendeu a atividade de parteira devida enfrentar sérios problemas de saúde proveniente de um câncer.

Nas histórias de vida destas parteiras chama atenção que todas começaram a partejar ainda muito jovens e que o afastamento de suas funções ocorre, principalmente, devido à idade avançada e os problemas de saúde advindo desta. Por outro lado, entre as que não estão mais em atividades, e que mesmo impossibilitada devido os problemas de saúde, todas alegam que na hora da emergência, se a mulher em trabalho de parto estiver sofrendo e não tiver mais tempo de buscar ajuda, elas afirmam que estarão prontas para realizar seu parto, desde que sejam auxiliadas por outra pessoa. Da mesma forma, se observou que estas parteiras constituem uma grande amizade com a população local, são mulheres respeitadas, reconhecidas e adorada por todos à sua volta, a ponto de serem chamadas de mães.

Ao me informar, a partir de um levantamento bibliográfico a respeito do tema relacionado às parteiras tradicionais, observei que existem alguns estudos tratando especificamente das parteiras tradicionais na região Amazônica, mas no que diz respeito às do município de Santa Luzia do Pará não foi encontrado nenhuma produção tratando

do assunto. Daí a importância desse trabalho para o lugar pesquisado, por dá visibilidade as, essas profissionais que através de suas práticas e de seus saberes ajudam outras mulheres em um dos momentos mais importante e delicado de suas vidas. Para tanto, é de fundamental importância que se compreenda melhor quais os papéis desempenhados por estas parteiras e o que elas significam e representam para a população mais pobre de Santa Luzia do Pará.

Visto que, suas histórias de vida, seus saberes e manobras de partejar serem conhecidas apenas no lugar onde mora pelas pessoas que atendem e por mim a partir do início da pesquisa que deu origem a este estudo, cujo interesse foi aguçado ainda mais ao tomar conhecimento que maioria das mulheres da minha família deu à luz aos cuidados de parteiras tradicionais, inclusive minha mãe, que teve seus onze filhos através de parto natural em casa sob os cuidados de parteiras tradicionais.

Para as “mães Maria”, a arte de partejar representa orgulho e benção por poder participar de um momento tão importante na vida das pessoas, o nascimento. Para as mulheres atendidas por parteiras se observa o sentimento gratidão e respeito, por aquela que tanto lhe ajudou no momento do parto, utilizando da sua crença, fé, saberes e dedicação. Neste sentido, a importância deste estudo na perspectiva de contribuir com alguns registros das histórias de vida, de práticas cotidianas e saberes das mulheres que partejam na cidade de Santa Luzia do Pará.

Por outro lado, este estudo trará importante contribuição para a comunidade acadêmica, que tomará conhecimento do ofício exercido por estas mulheres, pois conforme já foi mencionado, não se encontrou nenhum registro de trabalhos que aborde questões referentes as práticas de parteiras tradicionais no município de Santa Luzia do Pará.

Este Trabalho Está Constituído De Dois Capítulos O Primeiro Capítulo, “*Uma Reflexão Sobre as Parteiras, suas Práticas e Desafios Diante da Sociedade Luziense*”, fará uma abordagem acerca dos estudos referentes às parteiras tradicionais. O segundo capítulo, “*Gratidão sem Fim: Histórias das Parteiras e Parturientes Luzienses Unidas em Prol da Vida*”. É constituído a partir das análises das entrevistas que foram feitas no decorrer da pesquisa coletadas com as parteiras, trazendo, suas histórias, lutas, experiências e saberes, assim como das mulheres que tiveram parto normal com ajuda de parteiras, além de outros entrevistados, destacando a importância dessas parteiras para Santa Luzia do Pará e seus desafios em busca da valorização profissional.

CAPITULO I

UMA REFLEXÃO SOBRE AS PARTEIRAS, SUAS PRÁTICAS E DESAFIOS DIANTE DA SOCIEDADE LUZIENSE.



Figura 01: Mapa de Localização de Santa Luzia do Pará. Fonte: Google.com

1.1 A ARTE DE PARTEJAR: LUZ PARA AS MULHERES E RECONHECIMENTO PARA AS PARTEIRAS

Parteira, palavra que vai muito além do significado existente, onde a profissional não tem somente a responsabilidade com a mulher durante o nascimento da criança, e sim a inteira doação, confiança, dedicação e carinho antes e pós-parto. De acordo com Júlia Morim, “a prática do ofício das parteiras tradicionais consiste no acompanhamento da gestação, parto e pós-parto, com variações. Algumas parteiras são procuradas pela mulher durante a gestação, outras não acompanham a gestação, apenas o parto e o pós-parto” (MORIM, 2014).

A arte de partejar não é assunto tão desconhecido para ninguém, conforme afirma, Jacques Barbaut, “a profissão de parteira é seguramente um dos mais velhos ofícios do mundo” (BARBAUT apud SANTOS, 2010). Muitas carregam consigo outras funções como, benzedeira e puxadeira⁴. Embora tenham o conhecimento sobre a atividade, devem graças aos mais idosos, que de alguma maneira transferiram de geração a geração seus costumes e práticas sobre o ato de ajudar a nascer. E esse processo de transmissão muitas vezes se dá através da oralidade, como afirma Thompson,

As fontes orais são capazes de contribuir para uma memória mais democrática do passado como instrumento de mudança, possibilitando novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores, permitindo a construção da história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciam e participa de um determinado período, mediante suas referências, e também seu imaginário (THOMPSON, 1992).

Com base nessa análise de Thompson, ressalto que o uso da fonte oral foi de suma importância para este estudo, pois embora partejar seja o foco deste trabalho, na fala dos entrevistados, a partir de suas memórias há sempre histórias guardadas de cada um, prontas para ser compartilhada.

Conforme é abordado por Menezes, Portella e Ferreira Bispo, as regiões Norte e Nordeste do Brasil se destacam no cenário de abandono do poder público, apresentando os mais altos índices de partos assistidos por parteiras tradicionais, com 5,8% e 3,6%

⁴ Mulheres que acumulam as funções de parteira, curandeira e benzedeira também são reconhecida como hábeis “puxadeiras” ou “concertadeiras” (PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Editora Açaí, 2010.)

dos nascidos vivos, respectivamente. Isto contrasta com a realidade nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, onde se concentra maior número de instituições hospitalares e maternidade e, portanto, há uma menor atuação das parteiras populares, levando a “deduzir que os espaços não ocupados pelos médicos [...] são os espaços onde a maioria das parteiras ainda continua desempenhando a arte de partejar. Embora haja maior modernização, não queira dizer que as parteiras não se façam presentes, claro que é menor freqüência, pois é válido lembrar que o ato de partejar se alastrou em meio a uma sociedade mais modernizada como é o caso das cidades, onde a prática de partejo ainda é persistente, isso ocorre na maioria das vezes por opção da parturiente devido a confiança e dedicação que a mesma encontra nas mãos dessas parteiras, notando-se assim que há uma preocupação com o atendimento à mulher e à criança, que transcende o momento do nascimento ” (MENEZES, PORTELLA e BISPO, p.24,2012). .

A partir daí nasce um laço de amizade entre parteiras e parturientes. Assim as parteiras procuram saber da vida das crianças depois de adultos, buscando se informar sobre o que estão fazendo, onde estão morando, se casaram se já tiveram filhos. Algumas crianças depois de adultas mantém com elas uma relação de amizade, a chamam de avó ou até de mãe (AIRES, 2004).

Essa afinidade entre ambas reforça ainda mais o reconhecimento popular mediante a atividade de partejar. Segundo Aires:

As parteiras tradicionais são mulheres reconhecidas pela comunidade, onde atuam em seu ofício e prestam assistência à parturiente e ao recém nascido, usando recursos tecnológicos sem qualquer sofisticação, se comparados ao parto hospitalar. O conhecimento dos artefatos, das técnicas e dos procedimentos é normalmente adquirido nas vivências e práticas cotidianas, e, em alguns casos, da experiência de seu próprio parto (AIRES, 2004, p. 02).

É válido ressaltar que a prática dessas mulheres por muito tempo foram totalmente tradicional, o que mantinham sua atividade resistente, não era um diploma de curso superior, e sim as suas técnicas e saberes de cunho natural, em que se faz presente os instrumentos de trabalho precários, usos de ervas naturais como remédio para mãe e para criança recém nascidas, a própria técnica de partejar, com a qual carregam consigo seus próprios segredos não revelados (orações) e a fé religiosa, pois independente de qual seja a religião seguida, ambas mantém um vínculo forte com Deus no momento dos seus trabalhos. “O repertório de artefatos utilizado pelas parteiras, acrescido da inabalável fé em Deus” (AIRES, 2004). Ainda sobre o ato de partejar, cabe

ressalta que embora não comparada ao percentual altíssimo de mulheres parteiras, elas não são as únicas que exercem a profissão, existem também a presença masculina no trabalho de parto, os então chamado de parteiros, e sobre essa informação a autora Benedita Celeste Pinto afirma que,

“Embora o parto seja um acontecimento entre mulheres e as parteiras sejam preferidas, foram reconstruídas, através das lembranças de velhos e velhas do Tocantins, histórias de homens, principalmente no povoado de Umarizal, que Além de possuírem o dom de benzer e curar também, são lembrados como parteiros. Atendiam, em geral suas companheiras, como era o caso do parteiro Joaquim Ferreira, esposo da parteira Ana Vieira, que fazia somente os partos dela” (PINTO, 2010).

Diante dessa reflexão, percebe-se que durante o parto, requer uma maior confiança, e isso as mulheres encontram com maior êxito nos braços de outras mulheres. A presença masculina durante o partejar é quase sempre com auxiliar de suas esposas e das próprias parteiras, por exemplo, são os maridos que geralmente vão a busca dessas profissionais para a realização do parto, e passam de alguma maneira a contribuir com ajuda física e emocional. Na maioria dos casos, o marido participa vivamente do ritual do parto. “Ele fica no quarto, ajudando e dando apoio pra sua companheira” (PINTO, 2010).

Solidariedade é uma palavra de representação forte na arte de partejar. Freqüentemente, as parteiras enfrentam dificuldades para as realizações de suas atividades quando se disponibilizam a ir ao encontro dessas gestantes para efetuar suas atividades, encontram certa carência, ou seja, muitas vezes o local não oferece nenhuma estrutura adequada para a mulher dar a luz. Caso o parto ocorra durante a noite, geralmente a iluminação é garantida por intermédio de lamparinas⁵ e de candeeiros⁶ , assim como, algumas vezes se deparam com a ausência do enxooval para o bebê que vai nascer devido às precárias condições financeira da família. E quando o parto ocorre na casa da parteira, geralmente se hospedam por alguns dias, a base de cuidados do resguardo comendo, bebendo e dormindo sem que haja nenhum retorno financeiro. Assim é o universo das parteiras tradicionais, cujos modos de viver, pode se dizer, segundo Lévi Strauss, “não se encaixam nas características sociais de uma sociedade

⁵ Recipiente com um líquido iluminante, no qual se mergulha um discozinho transpassado por um pavio, que aceso, dá luz. [dic,Google].

⁶ Utensílio de formato variados, que contendo líquido combustível provido de mecha ou torcida se destina a iluminar [dic,Google]

industrial moderna, de moldes ocidentais (LÉVI STRAUSS apud CARVALHO, 1997, p. 70-87).

Dessa forma, percebe-se que as parteiras, prestam solidariedade através de suas práticas, ajudando o próximo sem interesse renumerado, onde o fator predominante é o reconhecimento social dessas profissionais que com seus saberes e suas práticas se tornam um membro familiar das mulheres que por suas mãos passam. Pinto destaca a realidade em que a maioria dessas parteiras se encontra, “vão vivendo dos agrados, dos presentes, que cada pessoa pode dá, e da graça do poder de Deus” (PINTO, 2010).

Essa situação também é observada entre as parteiras de Santa Luzia do Pará, as retribuições através de agrados, geralmente compostas por objetos ou na maioria das vezes presenteiam-se com criações (galinha, peru, pato), frutas e alguns outros agrados.

O comprometimento no que fazem delega destaque a essas profissionais diante de suas práticas, quando as mesmas acompanham as gestantes durante a gravidez, realizando, seus métodos tradicionais, exames parecidos com o pré-natal, feitos nos hospitais e nas UBS (Unidades Básicas de Saúde) (queira ver figuras 02 e 03).



Figura 02: Hospital Municipal José Luiz de Lima. Fonte. Andreia Abreu, 2017.



Figura 03: UBS (Unidade . Andreia Abreu, 2017Fonte: Básica de Saúde). Fonte: Andreia Abreu, 2017

Conforme afirma Pinto, se apropriando, assim, da certeza de que a grávida esteja fora de risco e preparada para dar a luz, verificam se o bebê está bem encaixado na posição certa, determinada para um parto normal, favorecendo assim que este parto não tenha complicações. “Caso algum problema ocorra, como por exemplo, a “placenta pega” muitas das vezes se compromete em acompanhá-las ao hospital dando suporte emocional as suas parturientes” (PINTO, 2010).

São mulheres parteiras, donas de um conhecimento tradicional, que embora venha se modificando, ainda seguem firme em algumas doutrinas ou costumes, acolhendo e ajudando as que mais precisam de carinho e cuidado nesse momento inesquecível na vida de uma mulher, que é quando ocorre o nascimento de seu filho.

1.2 AS PRÁTICAS TRADICIONAIS DE PARTEJAR SENDO SUBSTITUIDAS PELA CIÊNCIA

A assistência à mulher no momento do parto foi tradicionalmente realizada por muito tempo por outras mulheres, chamadas de parteiras, reconhecidas na comunidade e considerada capazes de colaborar com a futura mãe na tarefa do parto. Mas ao longo do tempo esse processo passou por modificações, dentre os quais a partir do século XIX, com a criação das escolas de medicina no Brasil e posteriormente faculdade de Medicina, quando essa prática passou a ser incorporada pelos médicos (BESSA, 1999, p.03).

Segundo Pinto, com a implantação da faculdade de Medicina no século XIX, passaram a exigir a obrigatoriedade dos exames preparatórios e a conceder os títulos de doutor em medicina, de farmacêutico e de parteiras, sem os quais não podiam exercer atividades em qualquer dos ramos da arte de curar (PINTO, 2010). Ou seja, os médicos tornariam a partir de então responsáveis pela formação das parteiras ou obstetras (PINTO, 2010).

Para a Revista Brasileira de enfermagem, essa incorporação do ensino e da profissionalização da medicina contribuiu para as ações difamatórias contra as parteiras, benzedeiras e curandeiras, por parte dos médicos que contrariavam algumas práticas exercidas irregulares na concepção científica, como a má higienização e o uso das ervas naturais, pois consideravam abortivo. Os médicos também combatiam as técnicas de aborto, conhecidas e executadas pelas parteiras em qualquer situação (<http://www.scielo.br/scielo>). Tentavam, assim, criar uma imagem negativa dessas mulheres, porém essa calúnia não era suficiente para extinguir suas práticas, a medida que o tempo ia passando, diversos meios surgiam para que os métodos científicos fossem incorporados totalmente no anseio de uma sociedade. Para tal compreensão Pinto destaca que,

após a segunda guerra mundial nos centros urbanos onde houvesse médicos, o parto foi progressivamente institucionalizado. A partir daí os médicos passam a incorporar novos conhecimentos e habilidades nos campos da cirurgia, assepsia, anestesia, hemoterapia e antibioticoterapia, conseguindo diminuir significativamente o risco desse procedimento hospitalar. Apesar de

a vagina ser a via natural do parto, a hospitalização e o maior domínio das técnicas ampliaram as possibilidades de intervenção através das operações cesarianas e proporcionou o desaparecimento “oficial” da figura da parteira, que perde seu espaço na assistência a parturiente durante a gravidez e o pós-parto (PINTO, 2010, p.136).

Nesse mesmo contexto, Costa analisa que “a assistência à saúde vai se medicalizando sistematicamente e sendo realizado cada vez mais no espaço hospitalar”. Vale dizer, que no caso específico dos partos, mesmo não sendo realizado pelo médico no hospital, é sob a sua óptica que ele se desenvolve e com o passar do tempo se sofistica e se instrumentaliza, chegando ao caos do número alarmante de cesarianas realizadas como se isso fosse o normal (COSTA, 2000, p.42).

Nesse sentido, a maneira que esse meios científicos vão se expandindo, as práticas tradicionais na arte de partejar vão perdendo espaço, ou tentando modificar ao desejo científico. De acordo com Barroso, as práticas tradicionais na arte de parteja começou a perder espaço um pouco antes da República, dando início ao parto hospitalar. No Brasil, a prática do parto hospitalar só tem início pouco antes da República, a maioria dos hospitais estava sob a égide das Irmãs de Caridade que não admitiam o parto hospitalar por considerá-lo falta de pudor (BARROSO, 2001, p. 05).

Assim, segundo afirma Barroso, aos poucos irão sendo substituídas algumas as práticas tradicionais das parteiras pelo saber médico, favorecendo o crescimento de partos cesarianos nos hospitais brasileiros, seguido pela doutrina científica, que recusa aceitar qualquer teoria seguida de costumes e crédulos, que por sinal muito enraizado nessa ação de partejar. Médicos e parteiras apontam diferentes significados decorrentes do parto, apresentando assim uma discordância no campo profissional entre ambos. O saber médico aos poucos vai ganhando espaço e confiança, passando a ditar normas sobre o corpo feminino (BARROSO, 2009).

1.3 “MÃES MARIAS”: AS PARTEIRAS TRADICIONAIS DE SANTA LUZIA DO PARÁ

Santa Luzia do Pará é uma cidade com 24 anos de emancipação, mas antes da década de 90 não passava de uma pacata vila, à margem da BR-316, onde a população totalmente dependia das atividades agrícolas. Realidade semelhante a essa, foram vários

interiores da região norte do país que passou pelo mesmo processo de municipalização. Dentre as precariedades vividas pelos habitantes do município, uma foi o acesso ao atendimento hospitalar, e assim se observa com freqüência a presença indiscutível das parteiras que com seus saberes e suas práticas tornaram-se “mãezinhas” de inúmeros luzienses.

As “Mães Marias” são mulheres ricas de saberes tradicionais, na faixa etária de 50 a 88 anos de idade; dentre as quais umas executam a função de benzedeiras, outras não. São mulheres que trabalharam muito durante a vida, das mais diferentes realidades, que moram em Santa Luzia do Pará. Com base no que ressalta Pinto, os trabalhos da roça e da casa não se enquadram em mundos separados, mais sim em diferentes espaços, sobre os quais elas têm o pleno domínio. Pois além do trabalho do lar como: cozinhar, varrer, cuidar dos filhos, ainda participava das atividades da roça, ajudando seus esposos no sustento da família (PINTO, 2012).

Estas mulheres, pelos seus feitos foram eleitas como sujeitas da pesquisa que deu origem ao presente estudo, entre as quais predomina a arte de partejar. Profissionais essa que tem uma experiência de vida passada não tão diferente das demais parteiras existente no país, no que se refere a situação precária que ambas sofreram no decorrer de suas trajetórias profissionais. Nesse contexto, a autora Lucineide Bessa afirma que,

a dureza do trabalho, as longas caminhadas, as privações e as dificuldades relatadas pelas parteiras com relação à falta de material, treinamento, transporte, acesso dificultado e ambiente de trabalho precário representam condições desfavoráveis ao bom desempenho de suas funções; além disso, favorecem a diminuição da capacidade física e psíquica das parteiras. (BESSA, 1999).

Análise semelhante a esta é feita na obra *Filhas das Matas, práticas e saberes de mulheres quilombola na Amazônia Tocantina* (2010), de B. Celeste de M. Pinto, quando destaca que eram comum em povoados negros rurais da região do Tocantins, no Pará, parteiras que enfrentavam dificuldades no processo de partejar. A fala da parteira luziense, Cantuária também retrata muito bem tal realidade:

[...] espiava minha fia, quando aqui (Santa Luzia) era só um matagal, andava léguas e léguas a pé ou a cavalo, debaixo de chuva e de sol e té de madrugada pra ir atender minhas meninas. Quando chegava na casa delas, enxergava uma pobreza muito grande minha fia. Enrolei muitas crianças com próprio lençol meu por que não tinha nem se quer o cueiro pra usar” (Fala da Parteira Maria Cantuária, 88 anos, moradora da cidade de Santa Luzia do Pará, entrevistada realizada em 2016).

Nesse contexto, nota-se que uma das características dessas profissionais, é que se esforçam ao máximo para atender suas parturientes, enfrentando todos os obstáculos possíveis, mas não os abandonam na hora da necessidade e ajudando no que for possível, contribuindo assim para que sua procura só aumente na comunidade, e junto o respeito e admiração que vai ganhado espaço. Entre essas e outras ações é que as parteiras buscam atribuir com diversos benefícios às mulheres na hora do parto, conforme Barbosa, Dias, Silva, Caricio e Medeiros também fazem a seguinte abordagem:

Além dos benefícios trazidos pelas práticas não intervencionistas das parteiras tradicionais e do aconchego do lar, outro aspecto merecedor de destaque é a presença da família e a ajuda dos amigos neste momento especial de dar à luz. As mulheres que dão à luz sentem necessidade de uma companhia amiga, calorosa, humana e familiar, sendo demonstrado que a presença contínua de uma parteira, dos familiares ou amigos, pessoas de sua confiança durante o trabalho de parto diminui a necessidade de medicamentos que combatem a dor. (BARBOSA, DIAS, SILVA, CARICIO e MEDEIROS, 2013).

Mulheres que além de se doarem totalmente diante a sua profissão, buscam persistir na prática tradicional do parto. Dentre os seus rituais se utilizam de orações que são comuns em suas atividades, assim como, fazem uso de ervas com propriedades medicinais, principalmente em forma de chás para aliviar as dores, como por exemplo, “Erva de São João”, que de acordo com Franzin, é usado para “aumentar a dor, fortalecendo as contrações uterinas, em forma de chá. Um gole oferecido à mulher e o restante misturado à água no banho quente que como serventia de alívios para dores, asseios para as mulheres após o parto, e também para curar doença de bebê, como as cólicas intestinais que são freqüentes aparecer-nos recém nascidos (FRANZIN, 2015). Ainda sobre a questão tradicional, vale ressaltar que a própria prática no momento do parto, como os instrumentos ao qual os utilizam que embora rudimentares, são higienizados e cuidados pelas mãos dessas próprias parteiras (BARROSO, 2009).

Diferentemente do que alega medicina oficial, a respeito da má higienização, e a não formação de algum curso preparatório e o manuseio do uso das ervas naturais, que podem contribuir para mortalidade de mulheres que optam pelas parteiras tradicionais, as Mães Marias negam tais especulações afirmando que durante os longos anos que

exercem a profissão de parteira tradicional, umas com mais de 50 anos de atividades exercidas, outras com menos, afirmam que, “nunca nenhuma mulher e criança morreu em suas mãos” (Abreu, Bezerra, Monteiro, Pereira, Silva). Isso é justificado pelo compromisso, dedicação e a fé que predomina em seus trabalhos. A Parteira Dona Raimunda Silva fala a respeito de tal questão,

[...] olha, já enfrentei partos muito difíceis na minha vida, daqueles perigoso, mas no final com a fé que tenho no nosso Senhor Jesus, dava tudo certo. Em minhas mãos nunca uma mulher faleceu e muito menos a criança. E lhe conto mais minha fia, mulheres chegava aqui em casa sofrendo pra parir, e quando massageava sua barriga, sem precisar fazer tal de “toque” que faz no hospital, eu dizia logo: a senhora vai ter esse bebê, mas ele já ta morto dentro de você. (Raimunda Silva, 87 anos, 2016).

A partir desse contexto, instiga-se a curiosidade de saber como essas mulheres adquiriram tamanho conhecimento, já que as Mães Marias, não tiveram a oportunidade de ingressar na escola e muito menos numa faculdade. Dados da pesquisa verificaram que elas acreditam que seus saberes são adquiridos, pelo dom que Deus dá. Prova disso, são as experiências por elas relatadas por ocasião do primeiro parto que realizaram muito semelhante nos relatos de todas as entrevistadas, pois fazem questão de ressaltar que foram escolhidas por Deus naquele momento para ajudar as mulheres a dar a luz. Uma vez que antes nunca haviam assistido um parto, não tinham experiência nenhuma com a prática de partejar, e de repente estavam ali diante de uma situação inesperado, mas que no fim dava tudo certo. O êxito desse momento é que fez elas ganharem confiança, respeito e conquistassem clientes no espaço de atuação.

Mulheres guerreiras, que enfrentaram inúmeras dificuldades, mas nunca abandonaram seu ofício de partejar, debaixo de chuva e sol, noite e dia, a qualquer hora e para toda hora, lá estavam dando apoio e consolo para aquelas que mais necessitavam da sua presença. Mães Marias, exemplo de fé e caridade, que com suas infinitas ações, tornam-se personagens principais de uma história marcada pelo processo de partejar em Santa Luzia do Pará.

CAPITULO II

GRATIDÃO SEM FIM: HISTÓRIAS DAS PARTEIRAS E PARTURIENTES LUZIENSES UNIDAS EM PROL DA VIDA.

2.1- GRAVIDEZ: UM PERCURSO ACOMPANHADO TAMBÉM POR PARTEIRAS.

Conforme afirma Rangel, a gravidez é um momento que marca a vida de toda mulher devido ser carregada de intensas transformações, não apenas no corpo com as modificações físicas que acontecem nesse processo, mas também com as psicológicas ocorridas em consequências das diferentes emoções que surgem nessa fase como ansiedade, os medos e as expectativas que acompanham o período gestacional. (RANGEL, 2009). Partindo deste percurso da gestação, a mulher passa por muitas incertezas que surgem nesse momento em que necessitam de apoio e acompanhamento familiar.

De acordo com Alves (2014), para que a mulher obtenha tranquilidade na gravidez desde o primeiro mês até o último antes do nascimento da criança, ela tem o direito ao pré-natal garantido, como forma de lhe possibilitar uma gestação saudável e um parto seguro. A favor disso houve desde a década de 80, a implantação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) que em 2000, foi aprimorado e denominado Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN), tendo por objetivo cuidar da saúde da mulher desde o início da gravidez até o parto e puerpério, bem como da saúde da criança. Em suas diretrizes também enfatiza a afirmação dos direitos da mulher, destacando a humanização como estratégia para melhorar e focar na qualidade da saúde das mulheres.

A maioria das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, embora cientes dos direitos que lhes são assegurados no período gestacional para que tenha acompanhamento e assistência médica, buscaram também nos saberes das parteiras o auxílio e suporte neste momento de grande importância de suas vidas. Como podemos verificar na fala de Luana Barros,

“Desde o início da minha gravidez, sempre freqüentei a casa da D. Lourdes, ela esteve ao meu lado durante toda a minha gestação” (Luana Barros, 17 anos).

Um dos motivos pelos quais as parteiras Luzienses são procuradas por mulheres durante a gravidez, além da confiança que se tem nelas são devidos aquele processo de

concertar⁷, termo esse utilizado entre as parteiras para endireitar a criança ainda no ventre da mulher, pois o mau posicionamento atinge a mãe ocasionando muitas dores. São também conhecidas como “puxadeiras”, as parteiras que desempenham essas funções. Das parteiras que não exercem mais a prática do partejo, como: Maria Cantuária (88 anos), Maria de Abreu (87 anos), e a Raimunda Silva (87 anos), ainda exercem essa função de puxadeira.

Até hoje minha fia, vem gestante aqui, bater na minha porta... Pra eu ajeitar menino na barriga, chegam reclamando que passam a noite sem dormir e que quase não consegue andar, devido a criança ta se encaixando debaixo da costela, e ai como é um procedimento mais simples atendo com todo carinho, isso o médico não proibiu que eu fizesse, por causa do meu câncer. (Raimunda Silva, 87 anos).

E reforçando esse processo de puxacão a autora Fleischer afirma que durante o período de gestação, as parteiras acompanham a mulher, orientando no pré-natal, sacodem a barriga, colocam a criança no lugar, esse trabalho de acompanhamento vai até o oitavo dia após o parto. (FLEISCHER, 2006). Na opinião de Pinto, elas são aptas condecoradoras do corpo e da fisiologia feminina, através de um simples toque manual, no ventre da mulher, são capazes de diagnosticar, o que a medicina com técnicas e instrumentos especializados demora mais tempo para detectar, como por exemplo, o inicio da gravidez, posição e sexo do feto, até o desfecho da gravidez, o parto (PINTO, 2010).

Além de exercerem essas funções existem mais outros motivos pela quais são tão visitadas pelas grávidas, se chama: a confiança, o respeito e o carinho que essas “mãezinhas” transmitem para as mulheres nesse momento tão único de sua vida:

Quando tive certeza da minha primeira gravidez aos 19 anos, desde inicio busquei orientação e força com a minha comadre Lourdes, lembro que aos 3 meses de grávida, ainda não tinha nem batido a minha ultra-sonografia ,ela olhou pra minha barriga, massageou e disse: é uma menina que vai chegar! E foi a pessoa que mais me apoio nesse momento da minha vida. Tenho orgulho de ter tido minha primeira filha pelas mãos da parteira (Augusta Silva, 30 anos).

⁷ Refere-se ao ato de reparar, restaurar, remendar, corrigir, solucionar, remediar. Pode significar também o ato de pôr em ordem, melhorar a disposição ou organizar melhor. [dic,Google]

Diferentemente foi o que aconteceu com a Ingrid Monteiro que não teve seu filho em mão de parteiras, e sim na UBS, pelas mãos de enfermeiro e equipe técnica. Durante a gestação não procurou parteira, pois segundo ela:

Tive uma gravidez tranquila, e também não tive curiosidade em procurá-las. Assim como no meu parto, optei em ter em hospital, por conselho da minha mãe, já que todos seus três filhos foram cesáreas, ela tinha medo de dar alguma complicaçao e também houvesse a necessidade de me operar, mas graças a Deus meu parto foi normal e muito rápido com menos de 24 horas já estava em casa. (Ingrid Monteiro, 20 nos).

É notável as falas de diferentes personagens, pois optei apresentar dentre esse trabalho principalmente ao que se refere esse capítulo composto por gratidão sem fim: histórias das parteiras e parturientes luzienses unidas em prol da vida, alguns relatos, de mulheres em que a única coisa comum entre elas, foi ter filho com parto normal. Que embora a entrevistada Ingrid Monteiro seja um caso a parte por não manter contato com parteiras, nesse tópico sobre, Gravidez: Um percurso acompanhado também por parteiras ficou claro as práticas que essas parteiras luzienses exerceram na vida das mulheres do município, se fazendo presente desde o início da gestação.

Ressalto que entrevistei seis destas mulheres no decorrer da pesquisa, que foram Albinéia dos santos Silva, 29 anos de idade, Francisca Augusta do nascimento, 30 anos de idade, Joseane Araujo Silva, 24 anos, Luana Cristina do Santo Barros, 17 anos de idade; Maria Ingrid Monteiro Silva, 20 anos de idade; e Maria de Nazaré Pereira Oliveira, 43 anos de idade. Percebe-se que são mulheres de períodos diferentes pela diferenciação de idades. Deste modo, cada uma tem suas histórias a respeito de suas gestações, e principalmente do tratamento que se submeteram por ocasião da primeira gravidez. Todas demonstraram que são mulheres de decisões fortes, corajosas e confiantes na prática do parto normal, quando optaram ter seus primeiros filhos através das mãos de parteiras tradicionais, com exceção de Maria Ingrid, cujo parto normal foi realizado por uma equipe médica, e de Albinéia e Joseane que optaram por uma cesariana.

Portanto é notável que nessa pesquisa as fontes orais tenham um papel fundamental, utilizando-se de varias para tornar um trabalho com êxito, assim como nesse tópico busquei apresentar algumas falas dessas protagonistas a cerca do tema trabalhado, buscando fundamentar melhor a pesquisa, que deu origem ao presente estudo.

2.2- PARTERJANDO COM AS MÃES MARIAS: DOM DE DEUS E CARIDADE COM O PRÓXIMO.

As parteiras do município de Santa Luzia do Pará, não tão diferente das demais espalhadas no país, são mulheres que não detiveram conhecimento científico a partir de estudos, para atuar na prática de partejar, pois as maiorias delas não freqüentaram nem escolas. Conforme menciona Aires, o conhecimento dos artefatos, das técnicas e dos procedimentos é normalmente adquirido nas vivências e práticas cotidianas, e, em alguns casos, da experiência de seu próprio parto. Esse conhecimento, que é adquirido tacitamente, vai sendo passada oralmente de uma a outra, e embora não tenham registrado seu saber em livros, elas guardam na memória os detalhes de cada procedimento (AIRES, 2004). Essas mulheres delegam seus “dons” a Deus, pois embora, algumas tenham buscado um maior aperfeiçoamento de suas práticas através de cursos profissionalizantes, todas iniciaram sem nenhuma preparação ou conhecimento sobre a área de partejar. Como podemos verificar na fala da senhora Maria Abreu.

O primeiro parto que realizei, eu era muito jovem, não me recordo bem a idade certa que tinha, ninguém teve coragem de fazer, e eu fiz... Mesmo sem saber de nada, e diante daquela situação só eu e a gestante, ela ia me orientando e assim o ajudei. Foi Deus que me ajudou! Depois disso realizei alguns dos meus próprios partos sozinha. (Maria Abreu, 87 anos, entrevista realizada em 2016).

É perceptível na fala da Dona Maria, a audácia e coragem de muitas parteiras fazerem seus próprios partos e sozinhos, algo comum que ocorria devido o local de morada que se encontravam, distante às léguas dos outros.



Figura 04: Maria Lima de Abreu Idade: 87 anos, aposentada, atuou como parteira por mais de 60 anos. Fonte: Andreia Silva, Ano 2016.

Das cinco parteiras entrevistadas neste trabalho somente duas detém um certificado de curso relacionado a sua prática, a senhora Raimunda Silva, que participou do curso de capacitação para as parteiras. Pois em 1990, o Ministério da Saúde criou o programa nacional de Parteiras, prevendo o cadastramento, capacitação e pagamento dessas mulheres através do Sistema Único de Saúde (SUS) (BARROSO, 2009). E a Maria Bezerra que realizou o curso de auxiliar técnica de enfermagem na década de 80.

Já realizava partos naturais desde nova, e toda minha sabedoria foi dom de Deus, porque aos 21 anos de idade, fui-me deparada com a vizinha que estava só em casa e sofrendo pra ter seu filho, e ai pediu que o ajudasse e não deixasse que ela morresse. Como ela era multípara ⁸, foi me dizendo passo a passo como era o processo, e aí naquele momento realizei o primeiro parto da minha vida, depois foi aparecendo mais e eu me aperfeiçoando naquela prática, e aí anos se passaram e eu me interessei em fazer o curso técnico, pois a minha vontade era de ir pra dentro dos hospitais só pra trabalhar com partos. (BEZERRA, 62 anos).

Chega à hora do bebê nascer, e as mães Marias sempre ali para cuidar da mulher e da criança, seus rituais no momento do parto se assemelham, carregados de orações, chá de ervas, massagens, e de muita dedicação. Para Barbosa, Dias, Silva, Caricio e Medeiros, a parteira é mulher de fé, declara-se portadora de dom divino que lhe confere o poder para operar nessa atividade. Assim, o ato do partejar é sempre antecedido de momentos de oração, da reza, dos pedidos de proteção e ajuda divina (2013). Há uma diferenciação nesse momento de oração, pois as três parteiras que congregam a religião católica, ambas têm seus santos protetores que intercede por elas no momento do parto, entre os mais comuns que aparecem nas falas delas destaca-se: Nossa Senhora do Bom Parto, Santo Expedito, São Raimundo, Santa Margarida, São Bartolomeu, São Francisco e Santa Luzia. As duas que congregam na Assembléia de Deus, dizem que só confiam na proteção de Deus, seguem a doutrina pregada pelos evangélicos de não cultuar imagens ou adorar santos.

De acordo com as parteiras entrevistadas, à medida que as contrações vão aumentando, se aproxima o nascimento do bebê, os partos se diferem de acordo com cada mulher, existem aquelas que têm seu filho rápido, independente que seja a primeira gravidez ou não, e outras mulheres que passam um ou dois dias sofrendo com dor para

⁸ É a mulher que já teve mais de um filho, ou a mulher que pode parir mais de um bebe por vez. www.dicionarioinformal.com.br

ter a criança. É nesse momento que as parteiras usam seus conhecimentos e suas práticas para ajudar essas mulheres no momento de parir. Conforme relatam algumas das mulheres entrevistadas que tiveram seus filhos com ajuda de parteiras:

Eu tinha 18 anos quando tive minha primeira filha, e foi na mão da parteira D. Raimunda, passei uns dois dias sofrendo pra ter a criança, minhas dores não era suficiente pra expulsar o bebê, então foi preciso ela me aplicar uma injeção⁹, e ai a dor veio com tudo, minha filha era grande de mais, mas graças a Deus ocorreu tudo bem, depois a parteira fez uma oração nos meus quartos que isso ia ajudar a voltar a ficar normal, pra futuramente não sentir dores. E ai ela me ajudou de mais, me aconselhando e me dando força. (Nazaré Oliveira, 43 anos, entrevista realizada em 2016).

Eu só fui pra casa da D. Lourdes, quando as dores começaram a aumentar, cheguei a noite do dia 16, e fui ter minha filha a tarde do dia 17 de abril, e lembro que horas antes de ter minha filha, ela fez um chá pra eu tomar, que era da raiz da chicória¹⁰, aí foi quando as dores começaram aumentar pra valer e horas depois nasceu minha filha. Durante o parto ela rezava muito sobre mim e a minha barriga, pedindo pra muitos santos que intercedesse por mim e pela criança que tava chegando (Augusta Nascimento, 30 anos, entrevista realizada em 2016).

No momento do meu parto, a parteira me ajudou muito, como era a minha primeira gravidez, eu não tinha experiência de nada, ai foi que ela foi me dizendo passo a passo como eu deveria fazer todos os procedimentos que iria me ajudar a facilitar o parto, como caminhar até quando eu conseguisse, mas uma coisa que pra mim foi importante naquela hora, alem da companhia da minha mãe e de todas as nossas orações juntas ali dentro do quarto, foram as massagens que ela fazia em mim, na minha barriga, costas, e nas pernas. Isso me proporcionava uma sensação de alívio naquela hora. Tive minha filha rápido, graças a Deus (Luana Barros, 17 anos, entrevista realizada em 2016).

As experiências abordada nestes relatos, exemplifica o que cada parturiente viveu, deixando evidente as diferentes situações que ambas passaram durante seus partos, principalmente no que se refere a questão do tempo percorrido desde as primeiras contrações ate o nascimento da criança. Nos três relatos apresentados é visível a questão do tempo para parir, e bem exemplificado e diferenciado entre elas, como por exemplo, a entrevistada Maria de Nazaré conta que passou mais de dois dias sofrendo pra ter seu filho, diferentemente da Augusta e Luana que disseram que para elas esse procedimento foi bem mais rápido.

⁹ OCITOCINA: Hormônio produzido pela hipófise, sendo responsável pelas contrações uterinas no momento do parto e pela produção e secreção de leite; DICIO, Dicionário online de Português.

¹⁰ Gênero de plantas herbáceas da família das compostas, bienais ou perenes, de que se consomem as folhas de várias espécies. ; DICIO, Dicionário online de Português.

Além do mais dentre as suas falas é notável os rituais, e as técnicas que cada parteira utiliza no momento de partejar, como as orações, o uso das ervas, as massagens, com objetivo de proporcionar o bem-estar da mulher no momento do nascimento da criança. Nas analise de Aires, as parteiras tradicionais adquirem conhecimento sobre o corpo da mulher com a experiência, conhecem raízes e ervas que servem para qualquer tipo de doenças, são herdeiras de um rico legado culturais de seus antepassados, de um saber histórico-cultural que passa de geração a geração (AIRES, 2004).

Conforme foi relatado pelas parteiras entrevistadas, nem todo parto tem um procedimento rápido, alguns dão muito trabalho principalmente quando a criança não esta na posição certa para o nascimento, ou seja, ao invés de estar de cabeça para baixo, que melhor se adéqua no canal vaginal, se posiciona sentado, de pé ou então se esparrama fora da posição fetal, quando no momento do nascer aparecem primeiro os outros membros do corpo como, pezinhos, mãozinhas, o que torna o parto muito complicado. Como relatam:

Olhe minha fia, peguei muita criança que nasceu de pé... Uma das ultima vez foi na minha neta, grávida com 14 anos, começou a sofrer e não deu mais tempo de levar ela pro hospital, eu já sabia que a criança tava na posição certa pra nascer... Aí minha filha pediu pra mim, mamãe venha socorrer minha filha que a criança já ta nascendo. Olha minha fia eu tava com a perna engessada me recuperando duma fratura. Aí fui lá, quando examinei ela a criança ta de pé mesmo, aí com todo o jeitinho conseguir fazer esse parto, hoje já ta é grande esse menino correndo pra tudo que é lado. (Maria Monteiro, 88 anos)

Uma vez tava almoçando e ai bateram ai na porta de casa pra eu ir acudir uma mulher que tava sofrendo pra ter neném e que a criança não ia custar nascer, cheguei lá tinha umas dez mulheres dentro do quarto com ela, ai pedi pra todas saírem, quando examinei a mulher aparecia só um pé da criança, ai fui buscar o outro pezinho até igualar um com o outro, e ai quando veio aquela dor forte junto com a força a criança nasceu, mas já apareceram mulheres aqui em casa que quando vou examinar são as mãozinhas que ta aparecendo, ai encaminho logo pro hospital, porque parto que aparece a mãozinha não é pra mim não. (Raimunda Silva, 87 anos).

A responsabilidade com o que faz é uma das principais características carregadas pelas parteiras, percebem-se nas falas das mesmas quando assunto é parto complicado, onde algumas tiveram a sorte de se sobressair do aperreio chegando a realizar um parto com sucesso, assim como em outro casos a complicaçāo no momento do partejo foi mais tensa, dando a decisão de Dona Raimunda Silva encaminhar para o hospital.

Figura 05: Raimunda Araújo Pereira Silva, Idade: 87 anos, aposentada, atuou como parteira por mais de 60 anos. Fonte: Andreia Silva, 2016.



Segundo afirma dona Raimunda, “quando o parto não é pra mim, encaminho logo pro hospital e vou acompanhando a grávida, e só volto pra casa quando a criança e a mãe estiverem perfeitamente bem” (Raimunda Silva, 20016). Isso mostra o quanto elas zelam pelo bem-estar da mãe e da criança e que buscam o melhor para ambos.

Com isso segundo Pinto é perceptível o cuidado que as parteiras têm em relação ao seu trabalho, e principalmente a saúde e a vida, tanto da criança quanto da mulher, pois o ofício de partejar exige uma dedicação por completo principalmente da parteira, que acompanha a gestante desde inicio da sua gestação, ate o momento de nascer, e ai chega à parte onde exigem também a maior dedicação, que é o momento delas “desocuparem”, ou seja, hora de expulsar a placenta¹¹, é utilizado também nesse processo todo um ritual, para que acelere sua saída, como as orações, pois caso a placenta não queira sair, irá complicar a vida da mulher. O retardamento da placenta pode provocar tanto a quitação do parto, como risco de hemorragia uterina. (...) quando por uma infelicidade a placenta prega a parteira corta o umbigo da criança, amarra o cordão umbilical em umas das coxas das parturientes e encaminha imediatamente para o hospital (PINTO, 2010).

¹¹ Órgão vascular que, se formando no interior do útero, une o feto à parede desse mesmo útero (materno), possibilitando dessa forma, a passagem de nutrientes e oxigênio para o sangue fetal. DICIO, Dicionário online de Português

Após o procedimento do parto a maioria das parturientes fica algumas horas ou alguns dias sob o cuidado da parteira, todas as precauções são tomadas ainda em seus poderes, é o que acontece com a parteira Raimunda Silva, que tinha alguns quartos em sua casa reservados só para acolher essas mulheres depois que o filho nascia, onde passavam dias e dias em sua residência pelo motivo de que muitas das parturientes atendidas pela senhora Raimunda residiam nos interiores bastante distante do município.

Nesse sentido, é valido abordar que as parteiras Luzienses não estipulam valor financeiro pelo seu trabalho, as mesmas relataram que já atenderam diversas mulheres que não tinha condição nenhuma de pagar nada, e nem por isso elas deixavam de realizar os partos. Então dependendo da situação financeira da parturiente nem sempre o pagamento ocorria através de cédulas, como na grande maioria se tratava de mulheres do interior a maneira que retribuía como pagamento era oferecer produtos oriundos da realidade que se encontrava, pois tanto Dona Raimunda, como Maria Abreu, Maria Monteiro e Maria Lourdes já receberam produtos como: Farinha, feijão, goma, milho, frutas e principalmente criações como galinha caipira, patos, peru, além de outros. Tudo como forma de pagamento e também de agradecimento, pois embora algumas tivessem dinheiro pra dar pra parteira, mas geralmente via acompanhadas por esses produtos, Dona Maria Monteiro menciona que: “até hoje as minhas comadres do interior, quando é safra de alguma coisa da roça, chegam aqui em casa com uma lata de feijão ou farinha não se esquece de mim nunca” (Fala da Parteira Maria Monteiro, 2016).



Figura 06: Nome: Maria Cantuária Monteiro, idade: 88 anos, aposentada, atuou como parteira por mais de 60 anos. Fonte: Andreia Silva, 2016.

Outra coisa que ainda é de responsabilidade das parteiras é o chamado resguardo seja ele sob sua guarda ou a distancia, elas sempre se preocupam com esse processo, principalmente com a saúde da mulher. Pois conforme estas parteiras relatam, o resguardo é um período que requer muitos cuidados e cautela acerca da mulher. A esse respeito Barbosa, Dias, Silva, Caricio e Medeiros também fazem a seguinte abordagem:

O Resguardo é um período de cautela que implica em recomendações, daí os alimentos “remorsos” (alimento que possam provocar alguma inflamação) serem proibidos. A alimentação deve ser apropriada, isto se constitui em preocupação constante das parteiras. Para elas, no pós-parto a mulher fica vulnerável se comparando com o estado menstrual, sujeita a ordem natural; este se vincula a doenças que podem atingir e levar mulheres a morte. Entre elas, a hemorragia que é também uma possibilidade do parto “subir para cabeça”. Daí a necessidade de serem acompanhadas por parteiras durante oito dias consecutivos. “Guardar o resguardo até quarenta dias faz parte da tradição de algumas comunidades que ainda preservam todo o ritual do pós-parto” (BARBOSA, DIAS, SILVA, CARICIO e MEDEIROS, 2013).

Em relação ao resguardo tanto as parteiras quanto as mulheres entrevistada, se enquadram nesse perfil, elas tomam todas as precauções durante esse período de quarentena para evitar o que chama de “resguardo quebrado”, que ocorre quando as parturientes ou paridas fazem “algumas artes”, fazem alguma coisa não recomendada durante os quarentas dias de resguardo, é neste momento segundo as parteiras entrevistadas que aparece, por exemplo, uma dor de cabeça imensa, acompanhada geralmente de hemorragia uterina, que deve ser tratada com chás, banhos de ervas medicinais e muito repouso, para que futuramente a mulher “não fique doentia” por conta do “resguardo quebrado”.

Nesse tópico partejando com as Marias, foi notável que as historias das entrevistadas são ricas de informações, e que os saberes e as práticas, usadas pelas parteiras Luzienses se assemelham as práticas de parteiras tradicionais que também foram sujeitas de estudos de autores que foram utilizados com referenciais teóricos no presente estudo, assim como as falas das mulheres que pariram com ajuda de parteiras. É perceptível a relação de amizade entre ambas, que tem início no começo da gravidez se concretiza no parto e pós-parto, se estendendo para a vida toda, pois a gratidão que nasce dessas mulheres com essas parteiras é eterna.

2.3 - PARTO NORMAL: UMA DIFERENCIACÃO ENTRE O REALIZADO PELAS MÃOS DA PARTEIRA E O QUE É REALIZADO POR UMA EQUIPE MÉDICA.

As parteiras Luzienses colaboraram para o nascimento de inúmeras crianças nesta localidade, principalmente em decorrência do parto normal de cunho natural, quando elas realizam o parto sozinho em suas casas ou nas casas das parturientes, uma vez que também acontecem partos normais realizados dentro dos hospitais com auxílio médico.

Segundo Mendonça, em um parto normal, apesar de ser via vaginal, podem ocorrer diversas formas de intervenções da medicina científica por intermédio de médicos e enfermeiros. Sendo assim, para que o parto possa ser considerado natural, nenhuma intervenção médica deve ser realizada, contando apenas com auxílio de parteiras, como ocorre principalmente na região amazônica (MENDONÇA, 2013, pg. 35).

Mendonça afirma ainda que entre os procedimentos realizados no parto normal nos hospitais, geralmente são aquele que ocorre diversas intervenções clínica para que se agilize o nascimento do bebê, entre elas estão:

A aplicação de oclitocina, hormônio que aumenta as contrações uterinas, acelerando o trabalho de parto; a anestesia peridural que atenua a dor, mas mantém a sensibilidade da mulher, permitindo que ela consiga fazer o movimento de expulsão; a manobra Kristeller, que consiste em pressionar a barriga da mulher no momento da contração, empurrando o bebê em direção ao canal vaginal; e a episiotomia, corte realizado no períneo para aumentar a passagem para o bebê, evitando que este venha a rasgar irregularmente (MENDONÇA, 2013).

Com base em tal análise foi observado que tais procedimentos foram realizados na senhora Ingrid Monteiro que teve seu bebê na UBS do município de Santa Luzia, conforme relata:

Tive o meu processo de parto rápido, mas não foi natural, porque meu bebê já estava na posição certa, mas minhas dores não foram suficientes pra ele nascer, e ai que me aplicaram uma injeção (ocitocina), e foi quando minhas dores aumentaram de mais e ai vinha àquela contração bem forte mesmo a equipe me orientava como era pra eu fazer a força certa para ajudar o bebê a nascer. E quando meu filho estava nascendo ele falou assim vou lhe aplicar uma anestesia bem rápida e nem vai doer, pois vai ser preciso um mini corte (episiotomia) pra facilitar a saída do seu filho, e assim fizeram, naquele momento já translúcida de tanta dor nem senti esse procedimento realizado

pelo enfermeiro, tudo foi muito rápido. Graças a Deus! (Ingrid Monteiro, 20 anos, entrevista realizada em 2016).

Procedimentos iguais a esse relatado por Ingrid Monteiro são comuns na UBS do município, mas levando em consideração que dependendo do estagio que a parturiente se encontra, ocorrem também partos no mesmo local sem nenhuma intervenção médica, ou seja, natural.

A respeito de partejar de forma natural as “Mães Marias” entendem muito bem, pois suas práticas geralmente acontecem dessa maneira, seguindo o ritmo do corpo da mulher e da criança, conforme dizem tudo segue naturalmente na realização dos partos. Porém, procedem desta forma, somente se tiverem a certeza que podem ser realizar os partos das mulheres, visto que durante a realização deste, se observarem algum risco para a mulher ou para seu bebê encaminha-os diretamente para o hospital mais próximo, acompanhando-os nesse translado, só voltando para casa quando tem certeza que não estão mais em risco. Tais situações foram relatadas por todas as parteiras que participaram como entrevistas neste estudo, como: Maria Abreu, Maria Lourdes, Maria Cantuária, Maria Bezerra e Raimunda Silva.

Sobre esse processo natural do parto, as entrevistadas Luana Barros e Augusta do Nascimento narram suas experiências de ter tido suas primeiras filhas na mão de parteiras e de parto natural:

Uma das vantagens que tive durante meu parto, foi a oportunidade de ter minha filha na minha casa mesmo no meu quarto. Passei uma noite toda sofrendo as contrações, mas não foi preciso tomar injeção pra dor, por que a parteira falou que não haveria necessidade de ser aplicado nada em mim, porque tudo tava ocorrendo na maneira certa mesmo, que toda aquela fase de dores fazia parte do processo de parto. E graças a Deus deu tudo certo, minha filha nasceu e não foi preciso tomar nada injetável e muito menos ser cortada, como sempre fazem no hospital quando as mulheres vão ter bebe. Ocorreu naturalmente meu parto, não fiquei com seqüelas de nada, como muitas pessoas imaginam o fato de ter em parteira que vai logo se rasgar. (Luana Barros, 17 anos, entrevista realizada em 2016).

Além dos métodos das parteiras envolvendo diferenciação do parto hospitalar, outra coisa visível no partejo é a introdução de ervas, que as parteiras indicam para as mulheres, tanto durante o processo do parto, quanto no pós-parto. A parteira Maria Bezerra, de 62 anos, conta que antes de ser técnica de enfermagem ia atender as mulheres em suas residências, utilizava chá da raiz da Chicória para acelerar a dor, era só a mulher tomar e em poucos minutos as dores aumentavam e ela tinha logo o bebê.

A fala de Augusta Nascimento, que teve seu parto acompanhado por parteira evidencia isso:

Também tive minha filha com a D. Lourdes, fui pra casa dela um dia antes da bebe nascer, e durante as contrações a única coisa que ela fazia era as massagens nas minhas costas, barriga e nas minhas pernas e fazia chá da raiz da chicória pra eu tomar, pra aumentar as dores, mas não foi preciso tomar nenhum outro remédio e nem injetável. Tudo ocorreu natural, e ocorreu tudo bem, minha filha nasceu bem e eu voltei pra casa só depois de 24h, busquei resguardar bem os quarentas dias após o parto, e graças a Deus, não tenho nenhuma experiência ruim do meu parto (Augusta Nascimento, 30 anos, entrevista realizada em 2016).

Observa-se assim, que o uso de alguns tipos de ervas com tal finalidade é semelhante ao uso da Ocitocina, como o chá da raiz da chicória mencionado na fala da entrevistada acima, que tem por função acelerar as contrações facilitando assim um parto mais rápido. Assim reafirma que, “esse chá é muito poderoso viu... Era coisa de minutos depois que eu o bebia, ai vinha àquela dor horrível de forte, uma dor atrás da outra” (Augusta Nascimento, entrevista realizada em 2016).

Por outro lado, segundo Pinto é perceptível também o ritual de orações que as parteiras fazem no momento do parto, dizem invocar pedindo clemência, dos seus santos prediletos e suas orações, principalmente as parteiras católicas, as que professam outros credos religiosos invocam apenas Deus e seu filho Jesus. Em silêncio, a parteira reverencia e invoca tanto os santos da sua devoção como os seus guias, através das orações ou rezas próprias para o momento do parto (PINTO, 2010).

O cuidado e atenção com a mãe e filho, também é um diferencial bem visível, por exemplo, a mãe recebe carinho, atenção e consolo nas mãos das parteiras durante o momento do parto. Da mesma forma, a criança também recebe todo cuidado por parte da parteira nas suas primeiras horas de nascidos. A respeito de tal questão, Juracy Aires faz a seguinte abordagem:

Assim como a mãe, também o bebê se beneficia com o cuidado das parteiras. Os bebês que nascem nos hospitais são rotineiramente aspirados com sonda nasogástrica¹² para serem limpos das secreções. Isso lhes causa um enorme mal-estar, a julgar pelas caretas e tentativas de fuga que eles apresentam. Além disso, provavelmente deve lhes causar muita dor, pois todos choram durante esse procedimento. Ao invés de aspirá-los, uma parteira nos diz que

¹² é um tubo de cloreto de polivinila (PVC) que, quando prescrito pelo médico para drenagem ou alimentação por sonda, deve ser tecnicamente introduzido desde as narinas até o estômago. **DICIO**, Dicionário online de Português

pega “uma fraldinha bem limpinha e tira a gosma da boca do bebê com o dedo enrolado na fralda” (AIRES, 2004).

Procedimentos semelhantes a esse as MÃes Maria também fazem com as crianças, que ajudam a nascer. Dizem que assim que a criança “engole parto”, o que dificulta o seu sistema respiratório, por isso utilizam essas estratégias para eliminar alguns resíduos de parto.

Sem dúvida, são práticas próprias das parteiras que realizam partos domiciliares, sem intervenção da medicina oficial, diferentes dos partos realizados por médicos nos hospitais. Outro ritual praticado por estas mulheres está relacionado as técnicas e formas utilizadas por elas na retirada da placenta, após o nascimento da criança, que é acompanhada por massagens e orações. Conforme narra a parteira Lourdes:

Olha minha fia esse momento creio eu, que seja o mais arriscado pra uma mulher, porque, se por um algum motivo essa placenta não saia, ai minha fia vai ter muita complicaçāo. Então o que faço? A criança nasceu e agora chegou a hora só minha e da mãe, existe mulher que rápido “desocupa¹³”, outra não passam algum tempinho a mais. Ai massageia a barriga dela, faço minhas orações, pra nossa Senhora do bom parto que me ajude naquele momento e peço a ela que faça um sopro bem suave, e ai aquela placenta vai saindo, depois que sai cavo um buraco bem fundo e entero. Graças a Deus nunca tive complicações com minhas mulheres na hora de desocupar, tipo precisar levar pra hospital, apenas umas demoraram durante esse processo. (Lourdes, 50 anos, entrevista realizada em 2016).

Na fala da senhora Lourdes, percebe-se que há preocupação no processo de expulsar a placenta, pois caso dê alguma coisa errado a vida dar mulher ficará em risco. Pinto afirma que, o retardamento da placenta pode provocar tanto a quitação do parto, como o risco de hemorragia uterina, caso ela seja fortemente abalada, através de toques bruscos no cordão umbilical (PINTO, 2010).

Assim por concluir esse tópico, sobre o parto normal: uma diferenciação entre o realizado pelas mãos da parteira e o que é realizado por uma equipe médica, nada mais justo do que apresentar algumas dessas diferenças através da fala das entrevistadas, assim como a abordagem de autoras que também apresentam tais diferenciações a cerca dessa abordagem. Durante a pesquisa onde apresentei algumas mulheres que tiveram filhos normais com parteiras, dentre elas: Maria de Nazaré Pereira Oliveira de 43 anos, que teve sua primeira filha com parteira e as outras três em hospital pelas mãos dos

¹³ Termo utilizado por todas as parteiras entrevistadas nessa pesquisa, para explicar esse processo da saída da placenta.

médicos todas com parto normal, soube relatar um pouco dessa diferenciação, dizendo que o que mais sentiu falta foi a atenção e o carinho que a parteira deu a ela, assim como o aconchego da família no momento do parto.

Quando tive a minha primeira filha que foi em casa com a parteira, a comadre Raimunda (parteira), ficou todo momento ao meu lado, do inicio ao fim me dando apoio emocional e toda atenção, lembro-me que esse meu parto foi demorado e nem por isso a parteira ficava só me dando toque. Algo que estranhei muito quando fui ter minha segunda filha no hospital, que lá eles não te dão atenção suficiente que a mulher tanto precisa naquela hora, sabe. Em instante e instante te examinam fazendo aquele toque que deixa a gente constraginda e dolorida. Outra coisa que senti falta durante eu ter as outras filhas no hospital, foi a ausência da família naquele momento, pois embora tivesse uma Irma minha me acompanhando,mas não foi a mesma coisa que senti quando tive a minha primeira filha em casa, que alem da parteira ali comigo o tempo todo, também esteve a família ao meu lado (marido,sogra,irmãs), e isso foi muito importante pra mim naquele momento. (Nazaré Oliveira, 43 anos).

A entrevistada acima Maria de Nazaré Pereira Oliveira, é mãe de quatro filhas, todas de parto normal, sua fala tornou essa pesquisa enriquecedora de informação, pois me utilizei dela para abordar sobre as relações distintas estabelecidas nos dois ambientes, ou seja; Nazaré Oliveira viveu as duas experiências: Uma de ter tido filho em casa com a parteira e outra de ter vivido a experiência de ter suas outras filhas no hospital pelas mãos dos médicos: Segundo a fala da entrevistada “O nascimento das outras filhas só ocorreu em hospital por conselho da própria parteira, pois meus partos eram muito trabalhosos, já que as minhas filhas eram muito grandes”.

Nesse sentido, é visivelmente o grau de satisfação da entrevistada em relação aos cuidados e atenção que a parteira proporcionou durante seu parto, diferentemente da experiência no ambiente hospitalar principalmente, da rede pública, a mulher geralmente não se sente amparada, pois as enfermeiras e médicos estão com pressa e acabam nem dando a atenção e cuidados necessários que essa mãe precisa nesse momento. Nesse sentido Pinto reforça que no ambiente domiciliar:

A mulher se sente amparada pela rede de solidariedade formada em torno da sua pessoa e do seu parto. Membros da sua família, vizinhos e amigos, incluindo homens vêm para visitá-la e se pontificar em auxiliar no que for necessário. O parto, portanto, trata-se de um ato marcado por muitas emoções, solidariedade, cumplicidade, instante de tensão, nervosismo, angustia e alegria para todas as pessoas envolvidas. (PINTO, 2010, p.283).

Concluo que diante a relação apresentado nessa pesquisa entre os ambientes existente durante o parto, durante as entrevistas colhidas observei que todas as mulheres presentes nesse trabalho, tinham o orgulho e tamanha felicidade de ter tidos seus filhos em domicilio com as parteiras, pois as mesmas tendem a se sentir mais seguras e amparadas, pois tem um cuidado especial com ela e com seus filhos tudo acontecendo de forma natural. Assim como relatada nas falas das parteiras durante as entrevista quando se falava o porquê elas se tornaram tão especial nas vidas dessas mulheres, e ai elas comentavam que se doavam por completa e por paixão em tudo que fazia principalmente quando se tratava de trazer ao mundo outra vida.

2.4-AS PRATICAS DAS PARTEIRAS LUZIENSES DIANTE AS TECNICAS CIENTIFICAS.

Por muito tempo no município de Santa Luzia do Pará, as parteiras exerceram o papel fundamental na arte de partejar, pois as maiorias das mulheres Luzienses tiveram seus filhos sob o comando das “comadres”. Para essa ação ocorrer são revelados alguns principais motivos como: A confiança, conhecimento e amizade. É valido ressaltar também que este município não oferecia uma estrutura hospitalar adequado para que houvesse atendimento para as parturientes, o que favorecia a procura pelas parteiras.

Atualmente esse quadro está se invertendo neste município, pois as maiorias das mulheres estão optando ter seus filhos em hospitais, cujos partos acontecem, principalmente através de cirurgias cesarianas. Essa forma de parto ou de parir vem aumentando muito em todas as regiões brasileiras, como bem analisa Monica Maia:

A preocupação com as altas taxas de cesárea, no Brasil, não é recente. Nos últimos vinte anos já foram empreendidas duas campanhas nacionais por entidades médicas, bem como uma pelo Ministério da Saúde, em favor do parto normal. Em 1986 e 1987, pela Sociedade Brasileira de Pediatria, com o *slogan* “Aleitamento Materno, Parto Normal: atos de amor”⁷⁰. Já em 1997, pelo Conselho Federal de Medicina, cujo *slogan* era “Natural é Parto Normal” e que teve como madrinha a atriz Malu Mader. Por último, em 2006, o Ministério da Saúde lançou a “Campanha Nacional de Incentivo ao Parto Normal e Redução da Cesárea Desnecessária” (MAIA, 2008)

Tal questão é uma realidade muito visível na sociedade brasileira nos dias de hoje. E em muitos casos podem ocorrer cirurgias cesarianas desnecessárias, porque muitas mulheres criam a concepção de que o parto normal deixa a mulher larga ou frouxa¹⁴, ou de que não vão dar conta de ter seu filho pelo motivo da dor. Moraes afirma que essa forma de concepção é considerada comum, pois as idéias construídas a respeito da dor presente no parto vaginal, tendem a gerar uma história de medo e de angustia diante de uma condição não vivenciada, apenas imaginada (MORAIS, 2010).

Levando em consideração esses argumentos, as próprias parteiras Luzienses também confirmam que atualmente a maior parte das mulheres quer ter seus filhos nos hospitais. Como nos traz a senhora Maria Abreu.

Hoje em dia as mulheres não querem mais sofrer dor pra ter seu filho, então procuram o medico e marcam logo a cirurgia, como se não fosse também sofrer alguma dor (Maria Abreu, 87 anos, entrevista realizada em 2016).

Ou então, decidem dá a luz nos hospitais porque tem mais confiança ou se sente mais segura, como algumas falam:

Já ouvir mulher dizer assim: Vou pro hospital porque se der alguma complicação já to na mão do medico, e no lugar certo que é o hospital (Maria Monteiro, 88 anos, entrevista realizada em 2016).

No município de Santa Luzia do Pará, por muito tempo contou com uma UBS¹⁵, para o atendimento 24 h da população, através de equipes de profissionais, como técnicos, enfermeiro e médico, esse ultimo só atendiam geralmente nos plantões diários, pois vem da capital do estado do Pará, Belém. Esta unidade conta com outras especialidades como: Ginecologista, Pediatra, Psiquiatra, Nutricionista. Mas freqüentemente fica principalmente sob o comando dos enfermeiros.

Não é a toa que de uns anos pra cá, a grande a maioria das mulheres do município que optaram em não ter seus filhos com parteiras, foram para UBS ou Hospital, onde seus filhos nasceram pelas mãos dos enfermeiros e técnicos. Ressaltando que antes só realizava parto na Unidade Básica de Saúde do município, aquelas mulheres que chegava e não dava mais tempo de serem encaminhadas para o

¹⁴ Frouxo:flexível; mole; bambo; lasso; indolente; medroso; pessoa frouxa
<http://pt.wiktionary.org/wiki/frouxo>

¹⁵ Unidade Básica de Saúde

hospital do município de Capanema¹⁶. A fala de Ingrid Monteiro evidencia um caso desta natureza:

Optei em ter meu filho no hospital, como era o primeiro ficava com medo de ter na parteira, por ter alguma complicaçāo na hora do parto, então quando comecei sentir as dores fui pra UBS e ai quando me examinaram nāo dava mais tempo de me encaminhar para o hospital que fica na outra cidade, aí o enfermeiro disse se eu fosse eu iria ter meu filho dentro do carro, e ai tive ali mesmo na UBS com o enfermeiro e equipe, ocorreu tudo bem, graças a Deus, foi normal e deu tudo certo (Ingrid Monteiro, 20 anos).

Opção igual da Ingrid está cada vez mais freqüente dentro do município, ou seja, de ter filhos sob o comando da medicina científica, embora haja parteiras atuando na profissão, mas é visível que sua procura está decaindo. E para constatar tal afirmação, será apresentado dado das informações cedidas pela Secretaria de Saúde de Santa Luzia do Pará, onde constam os números de nascimentos da população Luziense, que através do SINASC (Sistema de Informação Sobre Nascidos Vivos), programa criado na década de 90 pelo Ministério da Saúde, de âmbito nacional e sob a responsabilidade das Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde, foi implantado com o objetivo principal de conhecer o perfil epidemiológico dos nascimentos vivos.

Assim com, variáveis de peso ao nascer, duração da gestação, tipo de parto, idade da mãe e número de partos (PEDRAZA, 2012). Mesmo contendo esses dados de informações nesse sistema, busquei apresentar a localização do parto: hospital ou domiciliar, sabendo que para realidade do município o parto domiciliar foi atualizado, e confirmado como feitos pelas mãos das parteiras.

¹⁶ Cidade do Nordeste paraense que fica à 50 km de santa Luzia do Pará.

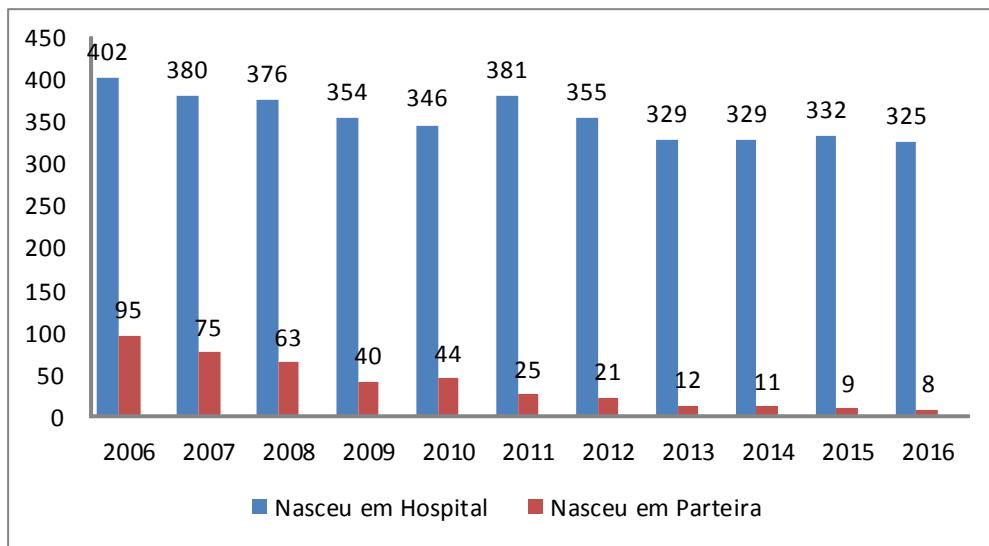


Figura 07: Dados de nascimentos da população Luziense. Fonte: SMS de Santa Luzia do Pará, Ano: 30/12/2016.

Diante dos dados apresentados é perceptível que os trabalhos das parteiras Luzienses estão diminuindo no município de Santa Luzia do Pará. Tal diminuição também é causada pelo grande avanço de realizações de cirurgias cesarianas, praticadas nos hospitais. Pois, com base em informação do SINASC, a maioria dos partos realizados no hospital é cesáreo, modelo esse totalmente diferente do parto normal. A autora Mendonça analisa com mais ênfase como isso ocorre:

No procedimento da cirurgia cesariana, a mulher recebe a anestesia peridural, sendo que em alguns casos a anestesia geral é necessária, nesta modalidade ela não sente dor alguma. Na altura do peito da mulher, é colocada uma tela para favorecer à assepsia. Esta tela impede que a mulher visualize o procedimento e, devido a isso, vem sendo questionada pelos médicos que propõem a humanização da cesárea. É realizada uma incisão transversal de 8 a 10 centímetros, no baixo ventre, próximo aos pelos pubianos. Esta incisão corta sete camadas de tecido; ao alcançar o bebê, o médico irá retirá-lo suavemente. A placenta será removida e o corte fechado com pontos. É freqüente no discurso nativo a noção de que se o parto normal provoca maior dor no momento do procedimento, a cesárea, por outro lado, possui um pós-operatório mais dolorido, complicado e demorado (MEDONÇA, 2013).

Tal procedimento é ocorrido com freqüência por causa do então conhecido cesáreas eletivas, que são aquelas agendadas com data e hora para criança nascer. Então

cabe aqui reforçar o que antes dito, sobre o que muitas mulheres não querem mais sentir dores para ter seu filho, por medo acabam optando pela cesárea. Foi o que aconteceu com a Albinéia dos Santos Silva (29 anos) e Joseane Araujo da Silva (24 anos), ambas por decisão própria optaram pela cesárea em suas primeiras gestações, assim relatadas por elas:

Engravidei em 2013, e no início da minha gestação pensava sim ter minha filha normal, minha mãe junto as minhas irmãs me aconselhava e dizia que era o melhor parto. Só que durante a minha gravidez por curiosidade ficava ouvindo pessoas que falavam de não ter tido experiência boas nos partos normais, principalmente as que tiveram no hospital, que durante ali o processo do parto não recebia atenção merecida, muita das vezes era humilhada por piadinhas do próprio médico, tipo: “na hora de fazer não gritava”, então isso foi me amedrontando, e quando se aproximou o nono mês, já nas ultimas consultas falei pro meu médico marcar a cirurgia. Ocorreu tudo bem durante o parto, só não foi tão bom o processo do pós parto, quando passa a anestesia que não me senti tão bem e a questão de se locomover que é processo demorado e lento pra você ter essa autonomia, mas tudo deu certo graças a Deus! Na minha segunda gravidez vou fazer o mesmo procedimento, irei marcar com antecedência minha cirurgia (Joseane Silva, entrevista realizada em 2017).

Desde o inicio da minha gravidez sempre tinha muito medo quando pensava que poderia ter norma. Sei lá..medo da dor que toda mulher falava que era insuportável, medo de não agüentar ter e morrer naquele momento. Então juntou o medo que sempre foi grande e ai decidir marcar a minha cirurgia também. Minha cesariana foi tudo tranquilo, não tive muito efeito colateral no pós parto, por exemplo, não senti dores fortes quando passou o efeito da anestesia, como acontece com várias mulheres. Fui muito bem atendida pela equipe médica, então não tenho que falar nada de mal do parto Cesáreo (Albinéia Silva, entrevista realizada em 2017).

Esses motivos relatados que o levaram as entrevistadas acima optarem por um parto cesáreo é muito comum ocorrer entre as mulheres grávidas, principalmente partindo daquelas que já passou por uma experiência traumática no parto, pois segundo Maia afirma que quando a mulher solicita uma cesárea este pedido pode ser pensado como uma demanda por dignidade, tendo em vista o modelo de assistência ao parto normal extremamente medicalizado, intervencionista e traumático (MAIA, 2008). Sobre esse acréscimo acelerado de cesarianas existe outro fator muito comum entre as mulheres, que é ausência de conhecimento a cerca dos benefícios que um parto normal trás para a mulher. Sandra Bittencourt umas das enfermeiras que ao longo de sete anos acompanhou as grávidas durante o pré-natal no município, afirma que:

Observei certo desconhecimento e falta de esclarecimentos por partes das grávidas com relação a importância do parto normal, seus benefícios no pós

parto. Elas acham que por ser cesárea não irão sentir dores no momento cirúrgico, que de fato é verdade, porém o pós-operatório é complicado e muitas vezes traumático, sem falar que a recuperação é bem mais prolongada, os fatores de riscos para a mamãe e o bebe numa cesárea é bem maior do que no parto normal (BITTENCOURT, 2017).

Fatores comuns a esses citados são ressaltados a partir da experiência observada pela enfermeira durante sua atuação nos postinhos de saúde de Santa Luzia do Pará, tratando-se desse modelo de parto tão visivelmente ocorrido entre as mulheres. Dando sequência nesse tópico as práticas das parteiras luzienses diante das técnicas científicas. Vale ressaltar que, tanto Joseane Silva, quanto Albineia Silva, durante a gravidez freqüentou a parteira Maria Cantuária para ajeitar a barriga, dizem que se sentiu muito bem pela maneira que ela os atendeu.

Fui ao meu quarto mês com a dona Cantuária pra ela desvirar meu bebe na minha barriga já que tinha batido dois ultra-sons e não dava de vê o sexo, ela massageou a minha barriga de um lado para o outro e deu certinho mesmo. Ah!! E ela disse que era uma menina (Joseane Silva, entrevista realizada em 2017).

Com isso é claramente visível que mulheres quando irão parir independentemente do ambiente propício seja ele domiciliar ou hospitalar o que mais precisam ter é toda atenção nesse momento, pra sentir bem, fisicamente e principalmente psicológica. Assim, abordo uma citação do ministério da saúde que apresentou sobre o parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais ressaltando que, em relação ao local do parto, ocorrendo este no hospital ou no domicílio, o importante é assegurar que se crie um ambiente seguro e favorável à evolução fisiológica do parto, com a garantia de privacidade, de apoio emocional à mulher e da presença de acompanhantes da sua escolha.

O ambiente também deve ser propício para que a mulher possa vivenciar plenamente este momento, com autonomia e protagonismo, mediante a garantia do seu bem-estar físico e emocional, com o mínimo de intervenções e uma atenta observação e acompanhamento (Ministério da Saúde, 2010).

Em relação aos locais de partos frisado nesse tópico, e o que acham as mães Maria sobre esse abandono domiciliar, ambas argumentou pouco sobre isso, comentaram que nos dia de hoje elas percebem que na maioria da vez ta na vontade própria da mulher optar por ter filho no hospital, principalmente de parto cesárea, e o

que elas podem fazer por isso é só aceitar e respeitar a vontade da mulher. Como aborda a parteira Lurdes:

Olhe tem mulher que a passa a gravidez toda vindo aqui em casa, geralmente um mês sim outro não, e eu atendo com todo carinho, seja lá o que for: ou pra ajeitar barriga, ou pra conversar, eu estarei sempre aqui. Respeito a vontade delas, mas fazer o que né? Percebo que as mulheres de hoje já não são mais as mesmas corajosas de antigamente, sentem um medo tão grande pra parir um filho, que dominam elas por total, tento convercer-las de que não é um bicho de sete cabeça, apontando os riscos que uma cesariana pode proporcionar nelas, mas... ta aí a realidade, mulheres cada vez se submetendo a um cirurgia pra retira seu bebe (Maria de Lurdes Soares Pereira, entrevista realizada em 2016)

Esse trecho da fala da parteira Lurdes nos reflete que tal decisão tomada pelas luzienses torna-se um motivo a mais para que aos partos normais pelas mãos das parteiras só tendem a diminuir, mas como a própria diz: Só respeitamos a vontade delas (Lurdes, 2016).



Figura 07: Maria de Lurdes Soares Pereira, idade: 49 anos, profissão: domestica, atua como parteira há mais de 30 anos, Fonte: Acervo Pessoal, Ano 2016.

Finalizo esse tópico sobre uma questão muito importante que ocorre com as parteiras em nosso país semelhantes a realidade das mães Marias, de Santa Luzia do Pará, que é a não valorização profissional dessas mulheres, pois, profissão de parteira tradicional não reconhecida pelo Ministério do Trabalho. Como aborda Pinto, diante do Ministério do trabalho, apesar de desempenhar uma função milenar, a parteira tradicional não tem profissão, portanto não tem direito (PINTO, p.37, 2010). Haja vista que o único direito que as parteiras Luzienses conseguiram até agora foi o da aposentadoria como trabalhadoras rurais, pois das cinco parteiras, três são aposentadas: Maria Abreu, Maria Monteiro e a Raimunda Silva, que sobrevivem com que ganham dessa aposentadoria. Essa questão de reconhecimento profissional também parte do sistema de saúde, no sentido que mesmo esteja efetuando parto na UBS ou no hospital, onde também não são valorizadas pelos profissionais de saúde, como relata a parteira Maria Bezerra, que atualmente trabalha como técnica de enfermagem no hospital municipal de Santa Luzia.

Já tenho mais de vinte anos que trabalho como técnica de enfermagem é conhecida pela população por Maria parteira, já que antes e depois de ser concursada como técnica com meu dom de partejar agarrei diversos meninos dessas redondezas, só aqui no município trabalhei anos na UBS e recentemente estou aqui no hospital municipal, já auxiliei diversos partos normais junto aos enfermeiros e médicos, pois já trabalhei no hospital do município vizinho daqui (Capanema), assim como eu mesma fui responsável de fazer parto na UBS daqui sozinha e nunca me reenumeraram por isso. Acho injusto, não só comigo, mas com qualquer outro profissional técnico que auxiliam no parto. A responsabilidade de algo que de errado ali, e de todos da equipe presente, então porque não valorizar-mos um pouco mais. (Bezerra, 61 anos).

Figura 08: Maria de Souza Bezerra, idade: 62 anos, profissão: Técnica de enfermagem atua como parteira por mais de 40 anos. Fonte: Acervo Pessoal. Ano 2016.



Ou seja, a senhora Maria Bezerra não só argumenta a defesa em prol de uma auxiliar técnica como as das parteiras, como ela própria diz que antes de trabalhar nos hospitais e unidades básicas ela já era parteira, que o que ela foi adquirindo ao longo do tempo foi uma nova teoria diferenciada da dela com técnicas científicas, porque a prática de partejar, isso ela já sabia há muito tempo. E que lamenta por não regularizar sua profissão, já que almejava se aposentar pela profissão de parteira. Lembrando que a senhora Maria Bezerra trabalha como concursada de Técnica de enfermagem no município de Santa Luzia do Pará.

A luta sobre a regularização da profissão das parteiras partes do interesse das próprias e de algum reforço que exerce poder seja ele governamental ou não. Como por exemplo, no estado do Amapá a luta por essas mulheres é constante, tem lá um cunho político partindo da família Capiberibe que há anos reivindicam juntos as parteiras pelos seus direitos. Em 2003 a comissão de seguridade social e família (CSSF), apresentaram um projeto de lei que regulamentava a profissão das parteiras, sob a autoria da deputada Federal do Amapá Janete Capiberibe, PROJETO DE LEI No 2.354, DE 2003 requeria:

O projeto de lei de autoria da nobre Deputada Janete Capiberibe cria a de profissão de parteira tradicional. Pelo referido projeto caracterizar-se a profissão de parteira tradicional pelo exercício das seguintes atividades, a saber: assistência pré-natal à gestante; assistência ao parto natural, em domicílios, casas de parto, maternidades públicas, bem como, prestação de cuidados à parturiente, à puérpera e ao recém – nascido. (<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/247935.pdf/2004>).

No estado do Amapá diverso foi os programas que beneficiaram essas mulheres, como bolsa parteira com vários objetos, como tesoura, bacia e outros objetos. Mas apesar das lutas incansáveis de tantos outros grupos espalhados pelo Brasil em defesa aos direitos das parteiras, principalmente o reconhecimento profissional, infelizmente até os dias atuais as parteira não são reconhecidas legalmente no país.

Nesse contexto, durante a pesquisa a qual levantei a problemática do porque as mulheres não se interessarem mais em ser parteira, um dos motivos estejam nessa desvalorização profissional, embora para esse ritual antes não se pensasse no capitalismo, hoje em dia é bem raro se vê pessoas que não pense por esse lado.

Todas as mães Marias comentaram que qualquer mulher que se interessou em aprender a partejar sempre a convidavam pra ajudar ou assistir, claro com o consentimento da parturiente, tudo isso justamente pra levar adiante aquela prática, pra não se acabar. "Eu não aprendi, foi um dom de Deus" (ABREU, BEZERRA, MONTEIRO, SILVA e PEREIRA). Já que as próprias parteiras comentam que partejar não é pra qualquer um, é doação de corpo e alma sem interesse financeiro é amor a vida, somente a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste estudo, pode-se afirmar que no município de Santa Luzia do Pará as parteiras tradicionais obtiveram um papel significativo na vida das Luzienses, participando ativamente do nascimento de seus filhos. Contribuído desta forma, no fortalecimento de laços de sentimentos como: Carinho, respeito, gratidão, amizade pura e verdadeira entre ambas, além de se tornarem agentes ativas no cuidado da saúde das pessoas onde o sistema de saúde brasileiro deixa muitas lacunas.

Assim durante a pesquisa, através das fontes, se verificou os tipos de partos e seus ambientes, destacando os fatores que favoreceram a ocorrência de parto domiciliar ou hospitalar, verificando que os partos efetuados pelas parteiras tradicionais são os considerados de forma natural, agradável, confortável e tranquila para mãe e o bebê. Porém, com o crescimento na área hospitalar, hoje em dia a maioria dos partos são realizados nos hospitais, visto que, há alegação do sistema de saúde oficial, que no hospital existem técnicas, ferramentas e medicamentos modernos para socorrer a mulher em trabalho de parto caso aconteçam alguma complicação neste.

Nesse sentido, os partos cesarianos recentemente ganharam um enorme lugar na vida das brasileiras e das Luzienses, atualmente grande parte das mulheres preferem fazer o parto Cesário, pois, acreditam que os riscos são menores. Assim, é valido informar que a opção desse tipo de parto referente a pesquisa no município é comum partir da opção da mulher.

Dados da pesquisa demonstram que em tempos passados os partos realizados aos cuidados das parteiras aconteciam de forma normal no município de Santa Luzia do Pará. Período no qual ainda não tinham hospital, e sim apenas uma Unidade Básica de Saúde (UBS). Da mesma forma, não tinha equipamento e nem pessoas qualificadas em obstetrícia para fazer os partos das mulheres. Dessa maneira, muitas mães preferiam se entregar aos cuidados das parteiras, pois, tinham bastante experiência.

Neste sentido, essa prática de parto foi utilizada por várias grávidas no município e comunidades próximas, pois segundo elas o parto com parteiras acontecia em casa mesmo, apenas com a grávida, a parteira, e a família presente, o nascimento

era mais rápido. Enfim, a solidariedade e a confiança faziam com que o parto com parteiras se tornasse melhor.

Dito isso, é importante mencionar que a análise dos dados deste estudo exigiu inicialmente repetida leituras do material coletado, pois por meio destes procedimentos foi feita a análise, as quais trazem a discussão, sobre as Mães Marias e a arte de partejar em Santa Luzia do Pará. Para tanto, a pesquisa de campo foi fundamental, no sentido de que por meio das entrevistas a cerca das parteiras e mulheres do município foi observado a qualidade do trabalho exercido pelas parteiras, que possuem saberes próprios relacionados a higiene, cuidado e dedicação com a mãe desde a gestação até o pós parto. Isso para entender o significado que essas mulheres parteiras representam na sociedade Luziense.

As falas das entrevistadas Maria de Abreu, Maria Monteiro e Raimunda Silva, que foram parteiras por muitos anos, evidenciam como a arte de partejar é importante para as vidas delas e das mulheres que estavam e ainda estão em torno delas. Visto que as ações que desenvolveram carinho, o cuidado, além de toda consideração com a mães no momento do parto, cujo respeito e gratidão parecem eterna entre essas mulheres. Assim, Maria Bezerra e Maria Lourdes, mulheres que ainda exercem o ofício de partejar, dizem se sentirem felizes ao exercerem a profissão de parteira tradicional, embora esta ainda não seja reconhecida e valorizada legalmente, como tantas outras mulheres brasileiras que se ocupam da tarefa de ajudar a nascerem, elas não desanimam e nem negam ajuda para nenhuma gestante, porque amam o que fazem.

Observa-se através dos números significativos fornecidos pela Secretaria municipal de Saúde do município de Santa Luzia do Pará os modelos de ambientes nos quais os partos são efetuados, ou seja, domiciliar por parteiras ou hospitalares. A partir desses dados evidencia-se que nos últimos anos os partos hospitalares deram um salto brusco, embora o parto normal ainda tenha sido a maioria, a cesariana tem destaque amplo, já que durante a pesquisa se observou que há uma porcentagem muito grande de mulheres Luzienses que optam por parto cesariano. Segundo dados cedidos pela Secretaria do Município de Santa Luzia do Pará, a partir do 1º de janeiro à 31 de março de no ano de 2017, somente em três meses 17 cesarianas foram realizadas nos 43 partos, ou seja, um número elevado, diante do que se espera do ministério da saúde. Através da fala da enfermeira Sandra Bittercout, observa-se que muitas mulheres optam por esse modelo de parto, devido à falta de esclarecimento sobre os benefícios que o parto normal oferece para mãe e o bebê.

Contudo, embora a medicina científica tenha ganhado espaço na sociedade, mas as parteiras tradicionais ainda desempenham papéis importantes na vida de muitas mulheres. As mães Marias são exemplo disso, são parteiras que ao longo de suas vidas se propuseram a se dedicar de corpo e alma no que fazem, compartilham seus saberes de forma natural, proporcionando o bem estar da parturiente, tornado o momento do parto prazeroso e inesquecível na vida das mulheres que auxiliam.

Na certeza que este estudo possa colaborar na busca de reconhecimento e valorização para o ofício das parteiras tradicionais, ousou dizer que para minha vida já apontou novos conhecimentos, me fez voltar para o ambiente não formal, pois se trata de um trabalho que envolve pessoas e, por conseguinte, envolve outros saberes que estão além dos muros escolares, este trabalho me fez voltar para a vida comum, para as experiências e práticas, para outras formas de saberes, que muitas vezes ainda estão ausentes dos livros didáticos.

Nessa perspectiva, essa pesquisa foi de suma importância para a minha vida tanto pessoal como profissional, pois, hoje tenho outra visão do que é e foi o trabalho das parteiras na cidade de Santa Luzia do Pará. Visto que, a partir das leituras e pesquisa de campo, consegui aprender e compreender melhor o trabalho dessas guerreiras na vida das mulheres grávidas. E por isso defendo que todo trabalho feito com amor, dedicação, responsabilidade precisa ser valorizado, pois, não é fácil ajudar uma mãe a dar à luz a uma criança em locais distantes, sem os aparelhos técnicos necessários, dos quais se utiliza a medicina oficial. Por isso, defendo a valorização e o respeito das profissionais que se ocupam no ofício de ajudar outras pessoas, de nascer bem, como é o caso das mães Marias que fizeram parte deste estudo.

FONTES DA PESQUISA

a) FONTES ORAIS

Maria de Lurdes Soares Pereira, 50 anos, doméstica, atua como parteira há mais de 30 anos, entrevistada no dia 25 de setembro de 2016.

Maria de Souza Bezerra, 62 anos, técnica de enfermagem, atua como parteira por mais de 40 anos. Entrevista realizada no dia 20 de Outubro de 2016.

Maria Lima de Abreu, 87 anos, aposentada, atuou como parteira por mais de 50 anos. Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2016.

Maria Cantuária Monteiro, 88 anos, atuou como parteira por mais de 60 anos, entrevistada no dia 10 de Outubro de 2016.

Raimunda Araújo Pereira Silva, 87 anos, aposentada, atuou como parteira por mais de 60 anos, entrevistada no dia 21 de outubro de 2016.

Albinéia dos santos Silva, 29 anos, domestica, entrevistada dia 09 de março de 2017.

Francisca Augusta Silva do Nascimento, 30 anos, doméstica, entrevistada no dia 14 de outubro de 2016.

Joseane Araujo da Silva, 24 anos, domestica entrevistada dia 10 de março de 2017.

Luana Cristina dos Santos Barros, 17 anos, estudante, entrevistada no dia 27 de outubro de 2016.

Maria Ingrid Monteiro Silva, 20 anos, doméstica, entrevistada no dia 28 de outubro de 2016.

Maria de Nazaré Pereira Oliveira, 43 anos, doméstica, entrevistada no dia 04 de novembro de 2016.

Sandra Bittercout, 46 anos, Enfermeira, entrevistada no dia 05 de março de 2017.

a) FONTES ESCRITAS:

Documentos escritos encontrados no poder das parteiras (certificado do curso de parteiras);

Documentos encontrados com mãe das crianças (declaração de nascidos vivos)

b) FONTES IMAGÉTICAS:

Imagens fotográficas feitas no decorrer da pesquisa.

c) FONTES BIBLIOGRAFICAS:

AIRES, Maria Juracy. “O direito a arte de partejar”. Programa de pós graduação em tecnologia-CEFET-PN., 2004.

BARROSO, Iraci de Carvalho. Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais” UNIFAP,nº2 ,2009.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Editora Açaí, 2010.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AIRES, Maria Juracy. "O direito a arte de partejar". Programa de pós graduação em tecnologia-CEFET-PN., 2004

ALVES, Schmidt Luciane: programa de humanização no pré natal e nascimento:indicadores e práticas das enfermeiras Rev.Enferm UFSM 2014.

BARBOSA, Camila Meira; DIAS, Maria Djair; SILVA, Maria do Socorro Sousa; CARICIO Márcia Rique , MEDEIROS, Ana Paula Dantas Silva. Mulheres e parteiras tradicionais: práticas de cuidado durante o processo de parto e nascimento em domicílio. IN:R. pesq.: cuid. fundam.online2013.jan./mar.5(1):32006 http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/1893/pdf_678

BESSA, Lucineide Frota & FERREIRA, Sílvia Lúcia. Mulheres e Parteiras: uma contribuição ao estudo do trabalho feminino em contexto domiciliar rural. Salvador: GRAFUFBA, 1999.

BARROSO, Iraci de Carvalho. Os Saberes e Prática das Parteiras Tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias. UNICAMP, CAMPINAS/SP, 2001.

BARROSO, Iraci de Carvalho. Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais" UNIFAP,nº2 ,2009.

CARVALHO, Marília Gomes de, Relações de Gênero e Tecnologia, Curitiba: Editora CEFET-PR, 1997.

COSTA, Lúcia Helena Rodrigues. Corpo, poder e o ato de partejar: reflexões à luz das relações de gênero. 2000, pg42;

FRANZIN,Adriana: Parto das índias:Conheça técnicas usadas pela –parteiras tupiniquim . 2015

FLEISCHER, Soraya Resende. Puxando barrigas para puxar assuntos: a massagem abdominal como uma fonte de saber e significados entre parteiras marajoaras. V. 07. N. 19, dez./jan. de 2006.

MAIA, Mônica Bara. Humanização do parto: Política pública, comportamento organizacional e *ethos* profissional na rede hospitalar pública e privada de Belo horizonte. Belo Horizonte, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História- Interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n º. 2, 1996, p. 01-15.

MENDONÇA, Sousa Sara: Mudando a forma de nascer: agência e construções de verdades entre ativistas pela humanização do parto, 2013.

MENEZES, Paula Fernanda Almeida de; PORTELLA, Sandra Dutra Cabral; BISPO, Tânia Christiane Ferreira. A SITUAÇÃO DO PARTO DOMICILIAR NO BRASIL. IN: Revista Enfermagem Contemporânea, Salvador, dez. 2012; 1(1): 3-43. <http://www.bahiana.edu.br/revistas>.

MORAIS, Fátima Raquel Rosado: A HUMANIZAÇÃO NO PARTO E NO NASCIMENTO: os saberes e as práticas no contexto de uma maternidade pública brasileira. Natal/RN,2010.

MORIM, Júlia. Parteiras tradicionais. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 2014.

NASCIMENTO, Keyla Cristiane do; SANTOS,Evangelia Kotzias Atherino dos; ERDMANN, Alacoque Lorenzini; JÚNIOR, Hélio José do Nascimento; CARVALHO, Jacira Nunes. A arte de partejar: experiência de cuidados das parteiras tradicionais de Envira/AM. Esc Anna Nery Rev Enferm 2009 abr-jun;13(2):319-27(<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2a12.2009>).

PEDRAZA Díxis Figueroa: Qualidade do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (Sinasc): análise crítica da literatura, 2012.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Editora Açaí, 2010.

PROJETO DE LEI 2.354, DE 2003. Dispõe sobre o exercício da profissão de parteira tradicional e da outras providências IN: CSSF COMISSÃO DE SEGURANÇA SOCIAL E FAMILIA-Autoria da Deputada Janete Capiberibe, Relator Deputado Dr. Ribamar Alves, sd.

REBEN, Revista Brasileira de Enfermagem: “As parteiras e o cuidado com o nascimento”, Rev Bras Enferm 2006 set-out; 59(5): 647-5.

SANTOS, Maria Silveira “Parteiras tradicionais da região em torno de Brasília, Distrito Federal,2010.

SAÚDE, Ministério da; PARTO E NASCIMENTO DOMICILIAR ASSISTIDOS POR PARTEIRAS TRADICIONAIS: O programa trabalhando com parteiras tradicionais e experiências exemplares. Editora MS,Brasilia

RANGELL, da silva Leila: Mudanças na vida e no corpo: vivências diante da Gravidez na perspectiva afetiva dos pais. 2009.

THOMPSON, P. A Voz do Passado. São Paulo, Paz e terra, 1992.

ANEXOS



Certificado da parteira Raimunda de Araujo, que participou do curso de capacitação para parteiras no município de Bragança-PA, na década de 90

República Federativa do Brasil
Ministério da Saúde
2ª VIA - CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL

Declaracão de Nascido Vivo **30-69930715-7**

Número do Cartão Nacional de Saúde do RN
705 0070 7562 5751

Identificação do Recém-nascido

1 Nome do Recém-nascido (RN) *Yasmim Barros da costa*

2 Data e hora do nascimento *08/08/2016 9:58*

3 Sexo
 M - Masculino I - Ignorado F - Feminino

4 Peso ao nascer *32100* em gramas

5 Índice de Apgar
1º minuto *9* 5º minuto *9*

6 Detectada alguma anomalia congênita?
Caso afirmativo, usar o bloco anomalia congênita para descrevê-las
 Sim Não Ignorado

7 Local da ocorrência
 Hospital Domicílio Aldeia Ignorado
 Outros estab. saud. Outros Indígena *9*

8 Estabelecimento *Domicílio*

9 Endereço da ocorrência, se fora do estab. ou da resid. da Mãe (rua, praça, avenida, etc.) *Rua Bonifacius Novo*

10 Número *123* **Complemento** *casa 68666000* **11 Bairro/Distrito** **Código** **12 Município de ocorrência** **Código** **13 UF**
Santa Luzia do Pará PA

14 Nome da Mãe *Juana Cristina dos S. Barros*

15 Cartão SUS

16 Escolaridade (última série concluída)
Nível
 Sem escolaridade Médio (antigo 2º grau) Ignorado
 Fundamental I (1ª a 4ª série) Superior incompleto 9
 Fundamental II (5ª a 8ª série) Superior completo 3º

17 Ocupação habitual **Código CBO 2002** *doméstica*

18 Data nascimento da Mãe **19 Idade (anos)** **20 Naturalidade da Mãe**
09/05/97 11 Santa Luzia do Pará

21 Situação conjugal
 Solteira Separada judicialmente/
 Casada divorciada União estável
 Viúva Ignorada

22 Raça / Cor da Mãe
 Branca Parda
 Preta Indígena
 Amarela

23 Residência da Mãe **24 CEP** **25 Bairro/Distrito** **Código** **26 Município** **Código** **27 UF**
Logradouro Rua Bonifacius Novo Santa Luzia do Pará PA

28 Nome do Pai *Antônio Xhallyy Melo da costa* **29 Idade do Pai** *01*

Gestações anteriores

30 Histórico gestacional

■ N° gestações anteriores *00* **■ N° de partos vaginais** *00* **■ N° de cesáreas** *00* **■ N° de nascidos vivos** *00* **■ N° de perdas fetais / abortos** *01*

31 Gestação atual

Idade Gestacional

32 Número de semanas de gestação, se DUM Ignorado *1*

Método utilizado para estimar
 Exame Físico Outro método Ignorado

33 Número de consultas de pré-natal *08* **34 Mês de gestação em que iniciou o pré-natal** *3* **35 Tipo de gravidez**
 Única Dupla Tripla ou mais **36 Apresentação** **37 O trabalho de parto foi induzido?**
 Cefálica Polácea ou Posterior Transversa Sim Não **38 Tipo de parto**
 Vaginal Cesárea **39 Cesárea ocorreu antes do trabalho de parto iniciar?**
 Sim Não Não se aplica Ignorado

40 Nascimento assistido por
 Médico Enfermeiro Parteira Func. Cartório
 Enfermeiro Obstétrico Parteira Outros Ignorado

41 Descrever todas as anomalias congênitas observadas

VI Anomalia congênita

VII Preenchimento

42 Data do preenchimento *08/08/16* **43 Nome do responsável pelo preenchimento** *Anderson Lima Ribeiro*

44 Função
 Médico Enfermagem Parteira Func. Cartório
 Enfermeiro Obstétrico Parteira Outros (descrever) *nenhuma*

45 Tipo documento **46 N° do documento**
 CNES CRM CORE RG CPF *382-625*

47 Órgão emissor *nenhuma*

VIII Cartório

48 Cartório **Código** **49 Registro** **50 Data** **52 UF**
51 Município

ATENÇÃO: ESTE DOCUMENTO NÃO SUBSTITUI A CERTIDÃO DE NASCIMENTO
O Registro de Nascimento é obrigatório por lei
Para registrar esta criança, o pai ou responsável deverá levar este documento ao cartório de registro civil.

Versão 01/14 - 1ª impressão 07/2014 www.grupotiform.com.br - 0800-7079990

Fonte: Declaração de Nascido Vivo emitido pela Secretaria de saúde do Município.

Ano 2016.